



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARIA VITORIA ANDRADE

**INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO RECIFE/PE:
VISIBILIDADE E PROTAGONISMO POPULAR NO BAIRRO VASCO DA GAMA**

Recife

2023

MARIA VITORIA ANDRADE

**INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO RECIFE/PE:
VISIBILIDADE E PROTAGONISMO POPULAR NO BAIRRO VASCO DA GAMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Geográficas, DCG, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título Bacharel de Geografia.

Orientador: Caio Augusto Amorim Maciel
Coorientador: David Tavares Barbosa

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Maria Vitória.

INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO
RECIFE/PE: VISIBILIDADE E PROTAGONISMO POPULAR NO BAIRRO
VASCO DA GAMA / Maria Vitória Andrade. - Recife, 2023.

83 : il., tab.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Maciel

Coorientador(a): David Tavares Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Paisagem . 2. Intervenções. 3. Cidadania Paisagística . 4. Protagonismo. 5.
Disparidades. I. Maciel, Caio Augusto Amorim. (Orientação). II. Barbosa, David
Tavares . (Coorientação). III. Título.

910 CDD (22.ed.)

MARIA VITORIA ANDRADE

FOLHA DE APROVAÇÃO Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Geografia

Aprovado em: 12/ 04/ 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 CAIO AUGUSTO AMORIM MACIEL
Data: 01/06/2023 11:13:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel – UFPE (Orientador)

Prof. Dr. Pedro Paulo Maia Filho - UFPE

Mestre Anthony de Padua Azevedo Almeida - UFPE

Dedico este trabalho a todos os movimentos sociais periféricos invisibilizados pela lógica desigual capitalista dentro das dinâmicas urbanas, e em especial aos moradores do Vasco da Gama.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus guias espirituais que me acompanham desde então me protegendo, cuidado e ensinando sobre várias coisas da vida. Segundamente, minha família minha mãe, irmã, avó e a você também pai essa conquista é de vocês também, que apesar de todas nossas dificuldades sempre me incentivaram a estudar e acreditar nos meus sonhos, muitas vezes acreditaram mais em mim do que mesmo, e isso é apenas uma parcela muito pequena do que posso retribuir a vocês. E em especial, a você Mainha que sempre deu duro para sustentar a gente e que não teve essas mesmas oportunidades, mas sempre deu espaço e apoio, obrigada.

Agradeço cada amizade construída durante esse período de quatro anos foi muito importante e um prazer está ao lado de vocês viver cada campo, cada descoberta, cada fofoca e todos os momentos principalmente o mais difícil que foi a pandemia. Gratidão a Rômulo que segurou minha mão e falou para eu não desistir em diversos momentos e mostrou o quanto capaz eu era, obrigada amigo. Ester e Guilherme nem consigo escrever o quanto importante eles são para mim e quanto aprendo com eles, “Vamos Sofrer Juntos” nunca foi tão gostoso e leve, amo vocês, gratidão por cada momento. A Fran, Milka, Rogério, Denise, Vivi e Marina compartilhar momentos, risadas e conselhos com vocês é um privilégio enorme. Ao meu amigo e atual companheiro Felipe obrigada por estar comigo nesse momento tão importante e estressante que é a escrita, entrega desse TCC e por cada vez que você leu comigo, pontuou os erros e acompanhou todo meu processo, mais um privilégio ter você também em minha vida. E não menos importante a Theo que sempre estava deitado ao meu lado enquanto escrevia isso.

Obrigada a Caio e David que para além as cercas acadêmicas foram luz nessa caminhada, me sentir acolhida na família LECgeo, é um prazer estar com vocês. A Diego, Ale e a Geo a convivência boa e por me ensinarem várias coisinhas essenciais de mapeamento, formatação e outros elementos para a construção de resultados desta pesquisa. E, agradeço a FACEPE foi fundamental o apoio financeiro para me manter na faculdade além de, praticar o lado pesquisadora diretamente por dois anos, e ressaltar a relevância desta pesquisa tornando-a responsável por trazer uma contribuição à Geografia Cultural ativa voltada à cidade.

E por último não menos importante, gratidão ao curso de Geografia por ser tão encantador e múltiplo, impossível não se identificar e não ser atravessada com alguma reflexão durante o contato seja no campo ou em sala de aula, obrigada geografia por tanto!!

RESUMO

As percepções sobre o meio ambiente no espaço urbano em bairros periféricos das cidades brasileiras condicionadas às desigualdades socioambientais refletem na interpretação da paisagem realizada pelos sujeitos sociais. A partir desse problema de pesquisa, apresenta como objetivo analisar as interpretações e intervenções paisagísticas expressas pelos moradores do bairro Vasco da Gama, localizado na cidade do Recife, Pernambuco, onde pode-se observar ações comunitárias que indicam uma preocupação paisagística pelos habitantes locais: a construção de jardins coletivos improvisados com materiais recicláveis, de amenidades ecológicas e espaços de lazer que mudam as feições e espaços públicos do bairro. Para tal, foi utilizado o método descritivo bem como pesquisa bibliográfica com revisão teórica e investigação direta na área em questão. As dinâmicas de transformações paisagísticas atingem diretamente a esfera dos valores da paisagem dentro da comunidade, construindo novas perspectivas e reivindicações com organizações sociais de modo a sugerir a atuação direta dos moradores na gestão da paisagem e do espaço público. A partir dessas questões, buscaremos destacar a importância de compreender a gestão da paisagem a partir de uma abordagem contextual, relacionada com o cotidiano e com o agenciamento e protagonismo dos moradores locais.

Palavras-chave: Paisagem; Intervenções; Cidadania Paisagística e Protagonismo

ABSTRACT

Perceptions about the environment in urban space in peripheral neighborhoods of Brazilian cities conditioned to socio-environmental inequalities reflect on the interpretation of the landscape carried out by social subjects. Based on this research problem, the objective is to analyze the landscape interpretations and interventions expressed by the residents of the Vasco da Gama neighborhood, located in the city of Recife, Pernambuco, where community actions can be observed that indicate a concern for the landscape by the local inhabitants: the construction of improvised collective gardens with recyclable materials, ecological amenities and leisure spaces that change the features and public spaces of the neighborhood. For this, the descriptive method was used as well as bibliographical research with theoretical review and direct investigation in the area in question. The dynamics of landscape transformations directly affect the sphere of landscape values within the community, building new perspectives and claims with social organizations in order to suggest the direct action of residents in the management of the landscape and public space. Based on these questions, we will seek to highlight the importance of understanding landscape management from a contextual approach, related to daily life and the agency and protagonism of local residents.

Keywords: Landscape; Interventions; Landscape Citizenship and Protagonism.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Pannel temático das composições e nichos paisagísticos ocorridos em toda Região Metropolitana do Recife (daqui em diante RMR).....	15
Figura 2 - Diferenciação conceitual entre nichos, composições paisagísticas e as ações artísticas dos projetos públicos municipais.....	16
Figura 3 - Mapa de localização do bairro Vasco da Gama, Recife, (PE).....	20
Figura 4- Expansão da malha urbana da Cidade do Recife consolidada a partir do século XX, mais identificação do recorte de estudo.....	26
Figura 5 - Identificação das Regiões Político Administrativas do Recife (RPAs).....	32
Figura 6 - Identificação dos novos pontos de socialização dentro do bairro Vasco Gama, a partir do trabalho de campo.....	36
Figura 7 - Mapa de identificação de todos os pontos de intervenção paisagísticas no bairro do Vasco da Gama.....	45
Figura 8 - Nichos localizados no bairro do Vasco da Gama.	46
Figura 9 - Dinâmicas de articulações do Protagonismo para o Parque Vicente André Gomes.	50
Figura 10 - Programas implantados pela Prefeitura da Cidade do Recife que tem o enfoque na intervenção paisagística urbana, Mais Vidas nos Morros e Tá Aprumado	56
Figura 11 - Atuação do programa Mais Vidas nos Morros no Alto Treze de Maio e Alto Nossa Senhora de Fátima.	57
Figura 12 - Relatos positivos sobre a implantação do projeto Mais Vidas nos Morros.....	59
Figura 13 - Atual estado da ação artística no Alto Treze de Maio do projeto Mais Vidas Nos Morros.	60
Figura 14 - Ações do Projeto Tá Aprumado na Rua Alto do Eucalipto Vasco Gama	61
Figura 15 - Presença dos resíduos sólidos nos nichos paisagísticos no bairro do Vasco Gama	63
Figura 16 - Mapa de Identificação dos Pontos de Coleta Seletivas e indicativos de renda na cidade do Recife (PE).....	67
Figura 17 - Mapa de Hipsometria e curvas de níveis do recorte de estudo o Vasco da Gama (PE).....	71
Figura 18 - Nicho identificado no bairro do Vasco da Gama apontando a existência do acúmulo de lixo em áreas mais planas dentro do bairro.	72

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de Praças, Parques e Áreas verdes nos bairros da Torre e Vasco da Gama	34
Gráfico 2 - Existências de Praças, Parque e Quadras no bairro do Vasco da Gama.	36
Gráfico 3 - Atores que intervêm na paisagem do bairro Vasco da Gama.	42
Gráfico 4- Identificação das composições pelos locais do Vasco da Gama.....	47
Gráfico 5 - Percepção avaliativa sobre os nichos dos locais no Vasco da Gama.....	47
Gráfico 6 - Percepção dos locais sobre o movimento estético no bairro Vasco da Gama	48
Gráfico 7 - Opinião dos moradores sobre o aspecto estético do Vasco da Gama.	52
Gráfico 8 - Relação entre o descarte indevido do lixo e as pequenas interferências paisagísticas espalhadas pelo bairro do Vasco da Gama, Recife (PE).	69
Gráfico 9 - Situação da coleta de lixo no bairro do Vasco da Gama, Recife, (PE).....	69

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro conceitual do índice de bem-estar de Recife segundo os parâmetros de Santos (2015).....	29
Quadro 2 - Respostas dos moradores sobre a estética do bairro e atitudes que podem melhorar as condições estéticas do bairro Vasco da Gama.	52
Quadro 3 - Relato de Entrevistas de Campo – Praça Vicente André Gomes e as ressignificações dos vernáculos e emergência da bairrofilia.	53
Quadro 4 - Relato de morador e Intervenções paisagísticas do projeto Mais Vidas nos Morros no Alto Nossa Sra. de Fátima	58
Quadro 5 - Esquema de variações da problemática das composições atores e intermediários socioespaciais).....	62

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre total, público atingido e idade dos entrevistados na aplicação do formulário em campo.....	18
Tabela 2 - Quantidade dos espaços verdes - UC's, Parques, Praças e Jardins no Recife (2004/2022)	33
Tabela 3 - Relação dos bairros do Recife, (PE) com os ecopontos inseridos na cidade no de 2022.	65

LISTAS DE ABREVIATURA E SIGLAS

APP - Áreas de Preservação Permanente

EMLURB - Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife

FACEPE - Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LECgeo – Laboratório de Estudo sobre Espaço, Cultura e Política

PCR - Prefeitura da Cidade do Recife

PCS - Programa de Coleta Seletiva

PE - Pernambuco

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos

RMR - Região Metropolitana do Recife

RPA - Região Política Administrativa

RSU - Resíduos Sólidos Urbanos

ZAE - Zonas de Abrangência de Ecopontos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. MOVIMENTOS URBANÍSTICOS RECIFENSES FRENTE AOS DÉFICITS DE INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS	23
2.1. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EXPANSÃO URBANA FRENTE AOS DÉFICITS DE INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS.	23
2.2. GEOPOLÍTICA NA DESIGUALDADE DO ESPAÇO URBANO RECIFENSE: FRAGMENTAÇÃO URBANÍSTICAS ESTRUTURAIS E SEUS IMPACTOS SOCIOESPACIAIS..	31
3. CIDADANIA PAISAGÍSTICA E AUTOGESTÃO: EMERGÊNCIA DO PROTAGONISMO POPULAR FRENTE ÀS CARÊNCIAS PAISAGÍSTICAS.....	38
3.1. PAISAGEM E CIDADANIA PAISAGÍSTICA: UM ESTUDO NO VASCO DA GAMA.....	38
3.2. O IMPACTO DO MOVIMENTO DA AUTOGESTÃO NO BAIRRO PERIFÉRICO DO VASCO DA GAMA TRANSFORMAÇÃO DA MALHA URBANA.	41
4. INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS DO VASCO DA GAMA: VISIBILIDADE ATRAVÉS DO PROTAGONISMO POPULAR E O ENFRENTAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS.	44
4.1. PROTAGONISMO POPULAR: INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS, MEIO AMBIENTE E CUIDADO ESTÉTICO.....	44
4.2. MAIS VIDAS NOS MORROS: INVESTIMENTO PÚBLICO PAISAGÍSTICO E COLABORAÇÃO POPULAR	55
4.3. RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E O DIÁLOGO COM AS INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS NO BAIRRO DO VASCO DA GAMA: A CONTRADIÇÃO DO VISÍVEL. ...	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIOS DO TRABALHO DE CAMPO.....	81
ANEXO A: REPORTAGENS DA MÍDIA LOCAL (ACERVO ICONOGRÁFICO	82

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto o estudo das dinâmicas socioespaciais da Zona Noroeste do Recife, realizadas por meios de arranjos, intervenções ou composições em espaços públicos e praças, com o movimento de mobilização da comunidade em constituição de uma cidadania paisagística no Recife, fenômeno recorrente em várias partes da cidade (Figura 1). Abordando conceitos como uso e apropriação do espaço, identidade territorial, cidadania paisagística, ativismo social e discriminação espacial, a investigação busca debater o papel dos imaginários geográficos nessas ações comunitárias, compreendendo os discursos que levam ao engajamento social na mudança espacial e analisando como o poder público municipal dialoga com essa nova dinâmica e projetos paisagísticos.

O fenômeno de apropriações e reapropriações dos espaços públicos ganha visibilidade e força a partir de meados da presente década, atraindo inclusive a atenção da mídia recifense, influenciando ainda mais o engajamento social da população local em movimentos por melhores condições de habitabilidade urbana. De modo que tais ações são aqui consideradas nos termos de Gohn (2011, p.345) enquanto “movimentos sociais em torno da questão urbana, pela inclusão social e por condições de habitabilidade na cidade”, pois muitos desses novos nichos paisagísticos estão em áreas onde existe uma precariedade de infraestrutura urbana, discriminadas espacialmente, porém despertando uma resistência cultural e simbólica.

Figura 1 - Paineis temáticos das composições e nichos paisagísticos ocorridos em toda Região Metropolitana do Recife (daqui em diante RMR)



Jardim Secreto completa três anos: Esforço coletivo, mudança e resultado



Moradores transformam área abandonada em 'praça' com livros e brincadeiras para crianças

Idéia de um dos moradores transforma a comunidade em espaço fértil social e de lazer, no Morador do Área Odeante Recife

Por Bianca Guimarães, 17/10/2016
06:21 (07:11) 1247 - em destaque 11 Times



Fonte: Acervo Iconográfico da mídia local¹.

¹Disponível no Anexo lista de todos os links das entrevistas que compõem o quadro no anexo desta pesquisa.

Nesse processo, moradores situados num contexto de ausências expressam uma resistência cultural e simbólica ao demandar uma melhor qualidade de vida e bem-estar para seus lugares, participando ativamente do processo de gestão coletiva e comprometida com a sua comunidade e de suas paisagens imediatas. A observação desses novos arranjos dentro da dinâmica da cidade, onde moradores passam a intervir nos espaços comunitários para superar as lacunas da infraestrutura urbana, são aqui consideradas como composições paisagísticas comunitárias ou nichos (ANDRADE, BARBOSA, MACIEL, 2021; ANDRADE e BARBOSA, 2022): intervenções paisagísticas realizadas a partir do protagonismo de moradores locais que buscam se (re)apropriar dos espaços públicos e garantir uma melhor qualidade e bem-estar aos seus ambientes cotidianos, sobretudo nos bairros periféricos do Recife (PE).

Assim, para um melhor entendimento da problemática, nomeamos de nichos ações dos moradores diretamente com o espaço através de arbustos e materiais recicláveis, já as composições paisagísticas sendo articulações advindas das reivindicações dos moradores coligadas com o poder público local, e as ações artísticas são classificadas por serem os projetos da Prefeitura da Cidade do Recife (daqui em diante PCR) que atuam nesta questão paisagística da cidade, qualidade de vida e lazer. Com isso, todas essas formas de alteração no espaço e nas dinâmicas locais serão designadas de interferências paisagísticas, como pode ser observado na Figura 2 para melhor compreensão.

Figura 2 - Diferenciação conceitual entre nichos, composições paisagísticas e as ações artísticas dos projetos públicos municipais.

A - Nichos Paisagísticos

Ações dos moradores diretamente com espaço através de arbustos e materiais recicláveis.



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

B - Composições Paisagísticas

Articulações paisagísticas advindas dos moradores mediadas pelo poder público municipal.



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

C – Ações Artísticas ou Projetos públicos municipais

Relacionados aos projetos da Prefeitura da Cidade do Recife



Fonte: Divulgação do projeto no Instagram @MaisVidasnosMorros, 2023

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar as dinâmicas socioespaciais acionadas pelos cuidados e arranjos de praças e espaços públicos por moradores de bairros do Vasco da Gama em Recife, buscando revelar o papel da mobilização popular na constituição de uma cidadania paisagística. Já os objetivos específicos delineiam-se em identificar ordenamentos, criações e revitalizações comunitárias de espaços públicos no Vasco da Gama; compreender quais são os discursos e estratégias usadas pela comunidade em suas intervenções nesses espaços públicos, buscando um panorama do papel das mudanças na construção da cidadania; abordar o protagonismo popular e comunitário no bairro por meio da constituição de um sentimento de empatia e identificação com os lugares assim criados, na busca por compreender significados e materialidades dos fenômenos da revitalização, e como essas ações

são reproduzidas no imaginário da cidade e averiguar sinergias ou contradições com infraestruturas e investimentos do poder público municipal nessas áreas.

Na apresentação dos resultados desta pesquisa, organizada a partir do estudo de caso e pelo método descritivo, que busca analisar determinado grupo social, a partir da identificação da existência de relações entre variáveis, buscando determinar a natureza dessa relação (GIL, 2002). No intuito de tratar das correlações e questões desencadeadas advindas das dinâmicas urbanas e dos movimentos paisagísticos no Recife, as etapas metodológicas incluíram o levantamento bibliográfico com os seguintes autores-chaves para a geografia cultural ativa: BARBOSA (2018), BITOUN (1993), CARLOS (2017), LEFEBVRE (2017), SOUSA (2009), SANTOS JUNIOR; HALLEY (2018), HALLEY (2014), REYNALDO; ALVES (2013), BESSE (2018), BERQUE (2012).

Partindo da concepção de que o trabalho de campo é “recurso central à investigação geográfica, graças ao caráter comunicativo, crítico e situacional dessa prática” (BARBOSA, 2019, p.108). Os resultados desta pesquisa são derivados do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), de dois anos de financiamento da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), a qual tornou-se possível o desenvolvimento deste estudo e sua potencialidade. Neste sentido, os resultados e discussões em sua grande maioria são produzidos através de excursão de campo inicialmente entre o término de 2020 e início de 2022 para o levantamento dos dados, como relatos dos moradores e identificação dos pontos de intervenções paisagísticas com a finalidade de construir o acervo iconográfico e o mapeamento da região, além do que agregar na melhor compreensão das problemáticas, inseridas no contexto no bairro do Vasco da Gama.

O material qualitativo levantado é mediante entrevistas abertas semiestruturadas inicialmente com a população que frequenta e mora nas imediações de praças e lugares comuns de convivência no bairro, para entender as relações que habitam e valorizam tais espaços. Em sua fase final nos campos do final de 2022 e início de 2023 ocorreu a aplicação de um formulário no Google Formulário (ver apêndice), nas áreas principais do bairro onde existe o fluxo intenso de pessoas para a coleta, exposição de dados com as questões mais direcionadas dentro da problemática vigente, totalizando 24 respostas completas, com variações de gênero, idade e lugares em que habitam, como pode ser visto no Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Dados sobre total, público atingido e idade dos entrevistados na aplicação do formulário em campo.

Total de entrevistados	24
Idade entre os entrevistados	18 a 77
Respostas Femininas	70
Respostas Masculinas	30

Fonte: Trabalho de campo, 2023.

Portanto, busca-se construir um panorama das dinâmicas desses movimentos como formas de reivindicação na cidade pelo cuidado com as morfologias locais e seus significados. Almejando sobretudo, resultados qualitativos, uma vez que a pesquisa está ligada diretamente ao estudo dos símbolos de um determinado grupo social, cujos significados dependem do contexto e da subjetividade dos moradores no recorte de estudo em questão.

Com isso, esta pesquisa privilegia-se a observação da comunidade do Vasco da Gama, localizado na Região Política Administrativa 3 (doravante RPA) na Zona Noroeste da cidade do Recife, que segundo dados da PCR (2023), reside uma população de 31.025 habitantes em sua maioria feminina e auto identificada como parda, seu limite territorial e localização do bairro podem ser observados na Figura 3 apresentada abaixo.

Figura 3 - Mapa de localização do bairro Vasco da Gama, Recife, (PE)



Fonte: Prefeitura do Cidade do Recife (2023). Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/vasco-da-gama?op=NTI4Mg==>. Acesso em: 21 mai. 2023.

A partir disso, observa-se um conjunto de sujeitos sociais e intervenções de moradores e gestão pública que altera o valor do uso com as suas apropriações e resistência de formas diferenciadas que se envolvem diretamente com a habilidade urbana e na difusão do debate sobre a cidadania paisagística. Além de, denunciar as desigualdades de infraestrutura e socioambientais buscando solucionar os problemas estruturais verificados no bairro: ações que

procuram impedir o acúmulo de lixo, construir espaços de lazer e convivência e/ou criar espaços com uma estética agradável e aprazível.

A reflexão também segue num movimento mais amplo da sociedade em direção aos debates e contradições sobre a importância do cuidado ambiental e paisagístico na consolidação da cidadania, podem ser vistos em projetos como Mais Vidas nos Morros e Tá Aprumado, os quais envolvem outra esfera social de cunho político, sendo a PCR a principal idealizadora. Entretanto, nesta pesquisa o enfoque se atém no ativismo social dos voluntários do projeto Mais Vidas nos Morros e do Tá Aprumado e seus relatos participativos no recorte Zona Norte/Vasco da Gama. Tal esfera complexifica a discussão, uma vez que cidadãos face ao poder público podem “desestabilizar representações hegemônicas que muitas vezes correspondem apenas ao olhar de um ator ou de um setor social”, como argumenta Perla Zusman (2011, p.23), em relação à consideração de múltiplas vozes nos movimentos urbanos. Desta forma, o estudo visa contribuir também para o entendimento das espacialidades dos lugares públicos em Recife e suas infraestruturas municipais.

Portanto, a relevância deste projeto repousa na apresentação e consideração dos cidadãos e cidadãs como agentes essenciais da vida em sociedade, com ações e comportamentos inesperados pelo poder público, desenvolvendo práticas inovadoras para dinamizar o espaço cotidiano. Temas de grande relevância para uma Geografia Cultural ativa, isto é, engajada na busca por boas condições de habitabilidade urbana, que podem ser alcançadas com base no pensamento coletivo para solucionar problemas de forma barata, ágil e participativa. Estudar geograficamente projetos que dialogam com o cotidiano das pessoas é de grande importância para entender as novas dinâmicas espaciais da cidade do Recife, ainda mais se levarmos em conta as tendências atuais de esvaziamento da convivialidade mediante uma arquitetura hostil² ou simplesmente em decorrência do medo do outro.

Logo, este trabalho torna-se responsável por trazer uma contribuição à Geografia cultural ativa voltada à cidade, como também proporciona a identificação de micro projetos urbanísticos, de áreas para descanso e ajardinamento, atividades como hortas comunitárias e

² Ver em: “Arquitetura hostil: o que é e como se manifesta na cidade”. Disponível em: <https://revistaconstrua.com.br/noticias/arquitetura/arquitetura-hostil-o-que-e-e-como-se-manifesta-na-cidade/>, acessado em 11 de fevereiro de 2021. A matéria mostra como a instalação de pedras sob viaduto em São Paulo para repelir a população de rua gerou forte repercussão após o padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo de Rua, retirá-las à marretadas. Outros exemplos deste tipo de arquitetura são cercas elétricas, arames farpados, praças gradeadas, bancos públicos de geometria irregular e não ergonômicos, traves metálicas em portas de comércio, pedras em áreas livres, aspersão intermitente de água e tudo quanto se preste a afastar ou excluir pessoas “indesejáveis” seja em locais públicos urbanos ou para proteger propriedades privadas.

lugares de leitura aos frequentadores que se adaptam à realidade local, resgatando a contribuição coletiva na contemporaneidade, bem como a memória local dos moradores. Na reflexão sobre a cidadania comunitária surge um novo panorama de sugestões, críticas e melhorias a projetos e programas dos poderes públicos que envolvam requalificação urbana em várias escalas.

2. MOVIMENTOS URBANÍSTICOS RECIFENSES FRENTE AOS DÉFICITS DE INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS

Esta reflexão tem o intuito de expor uma breve contextualização sobre os planos urbanísticos as questões de infraestruturas dos serviços públicos em especial os que envolvem espaços verdes, e áreas destinadas a lazer e socialização dentro da cidade do Recife, buscando retratar as desigualdades que existem nas implantações no solo urbano.

2.1. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EXPANSÃO URBANA FRENTE AOS DÉFICITS DE INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS PÚBLICOS.

Para analisar os fenômenos espaciais e suas totalidades, Santos (1985, p. 25) pontua que é necessário relacioná-los com as formas, funções, estruturas e processos os quais desenvolvem bases teóricas e metodológicas para retratar as dinamicidades da realidade. Com base nisso, o objetivo deste capítulo inicial é elaborar uma breve contextualização histórica dos planos urbanísticos de grande destaque ao corpo social recifense, os quais influenciam diretamente nas questões de organização dos espaços públicos e acesso às infraestruturas dentro cidade. Buscando desenvolver um panorama da cidade com o planejamento de território, relacionando os quatros elementos de investigação espacial referidos por Santos (1985), com o uso e ocupação de espaços públicos, fazendo-se importante dentro dessa reflexão com ponto inicial para o entendimento das dinâmicas do solo urbano.

Com isso, historicamente o território recifense durante o processo de colonização foi bastante explorado economicamente e sua organização baseou-se nesse sistema de fluxo para atender os interesses entre as produções de açúcar e porto escoador de mercadorias nas dinâmicas das planícies fluvio-marinha, e aos poucos estruturou-se através dessas conexões desencadeando características radiais, saindo do núcleo central portuário (PCR, 2018). O nível da urbanização da cidade de Recife durante o século XIX ainda mantinha um caráter rural marcado pela presença do processo de colonização, do ciclo do açúcar com os engenhos e só a partir do século XX que inicia-se os primeiros grandes desenvolvimentos urbanísticos da cidade os quais tiveram influência de toda dinâmica de remodelação portuária, em específico no ano de 1910 houve o crescimento de infraestruturas e serviços públicos urbanos para unir e modelar

a cidade, com base no modelo radial de expansão e formação centrífuga (REYNALDO; ALVES, 2013, p5).

Conforme destacam Reynaldo e Alves (2013), essa demanda de distribuição de serviços básicos de infraestrutura, como por exemplo: saneamento básico, sistema de abastecimento de água e transporte coletivo urbano, foram ofertados apenas para os bairros mais próximas do fluxo do porto os quais obtiveram o privilégio da modernização urbana recifense como: o bairro do Recife, Santo Antônio, São José (centro) e algumas regiões ocupadas por classes dominantes a oeste e sul. Período chamado pela PCR (2018, p.412) de primeiros planos e intervenções urbanas 1909 - 1915, com destaque para sucessivos aterros, modernização do porto e redesenho do traçado urbano com estratégia de valor o solo que evidenciou o processo de expulsão da população da baixa renda da população da área central. Assim, apesar de ter uma proposta de expansão em todo território, os serviços urbanos públicos recifenses eram encontrados com funcionalidade apenas na região central, e como bem pontuado pela autora acima em regiões de privilégios para atender as classes dominantes, já para outra parte da população ocorreu desapropriação com movimento de higienização urbana.

Além disso, a preocupação com a paisagem foi utilizada como instrumento para expansão da área urbana, ao lado de projetos de serviços básicos como os mencionados acima, “através uma aproximação ao modelo das cidades jardins em torno de 1917, como Reynaldo e Alves (2013) argumenta em seu artigo:

O caráter de cidade jardim se observa na recomendação da “supressão dos muros divisórios nos novos bairros, facultando o estabelecimento da divisa do lote por meio de cercas vivas” (art.5, parágrafo 15) ou, ainda, na definição das condições para que um loteamento possa ser considerado como projeto de uma cidade ou de bairro jardim (REYNALDO; ALVES, 2013, p. 8).

Pontua-se que inicialmente o projeto de tornar Recife uma cidade paisagística harmônica existe desde os primórdios de urbanização com a inclusão dos espaços verdes e convivência para a população, sendo algo que acompanha a cultura e imaginário do planejamento urbano municipal e até os moradores por estarem no contato com o espaço vivido.

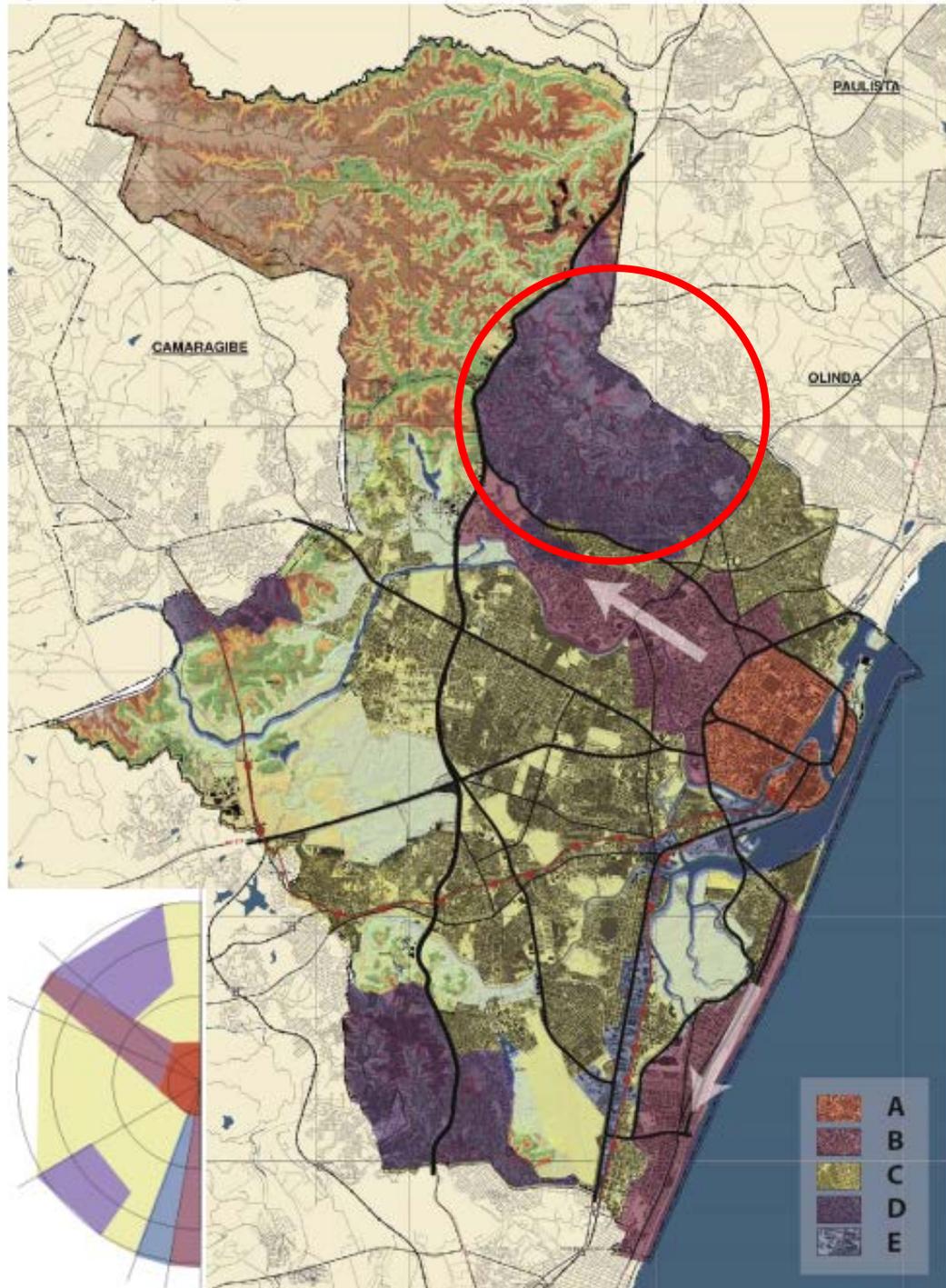
Já a ideia de cidade ou bairro jardim advém das grandes cidades europeias pós-industriais do final do século XIX que visam, na organização urbana, a integração e melhorias das qualidades humanas através da relação com o meio natural, de acordo com Andrade (2003), pode ser relacionado a um modelo de cidade sustentável e desenvolvida a base da autonomia local. Apesar de ser uma proposta bastante inovadora para época na cidade de Recife, segundo

Reynaldo e Alves (2013), o projeto de cidade jardim não teve êxito na cidade adjunto a outras falhas de distribuição de serviços básicos de infraestrutura.

Seguindo a linha cronológica no Recife ainda tiveram mais três grandes períodos de intervenções e mudanças dentro de seu território, identificados pela própria Prefeitura. O segundo período entre 1922 -1926 destacado com a expansão nos bairros que hoje são Derby e Boa Viagem, com a construção de avenidas, aterros e serviços, além das questões habitacionais as quais influenciam mais uma vez na segregação socioespacial. No terceiro 1920 - 1940, momento de estruturação e organização, para adentrar a modernização e verticalização, principalmente nos bairros centrais, como por exemplo do Santo Antônio, como também, durante esse processo houve o início dos adensamentos nos morros ao sul e norte por causa da falha no plano de erradicação dos mocambos. E no último período, o quarto entre 1950-1975, a maior preocupação era o desenvolvimento regional por causa do êxodo recorrente, com isso ocorre o adensamento do núcleo principal e implantação do setor da indústria na região (PCR 2018, p. 420).

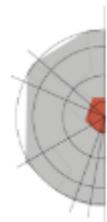
Dessa forma, nos períodos entre 1910 até 1975 ainda existe uma grande centralidade do Recife dos serviços urbanos, apontando mais uma vez, um certo atraso na integração da cidade, com período de intenso privilégios às classes dominantes da região, enquanto a maioria da população sofria com os planos de higienização e marginalização no território. Logo, o Recife foi expandindo até se tornar região metropolitana desenvolvida conforme um padrão de continuidade no formato tentacular da malha urbana, sempre saindo do centro portuário para seguir as margens dos rios, vias Leste-Oeste e áreas periféricas, como pode ser visto na Figura 4 abaixo:

Figura 4- Expansão da malha urbana da Cidade do Recife consolidada a partir do século XX, mais identificação do recorte de estudo.



Fonte: Prefeitura do Recife (2018).

LEGENDA:



A. A **categoria A** remete à região central da cidade, correspondente à quase totalidade da área envolvida pela 1ª Perimetral, Avenida Governador Agamenon Magalhães, exceção feita ao Bairro de Santo Amaro ao norte da Avenida Norte, incluindo o Bairro do Recife, Santo Antônio e São José parcialmente na Ilha de Antônio Vaz. Marcada em vermelho na figura concentra predominantemente usos comerciais e de serviços, presença significativa de imóveis de patrimônio histórico e cultural, além de edifícios desocupados.



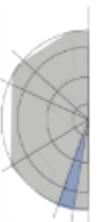
B. As duas manchas marcadas como **categoria B**, em magenta no mapa, correspondem às principais concentrações de usos residenciais verticais, multifamiliares, de alto padrão da cidade. O vetor sul corresponde à região de Boa Viagem, numa faixa variável com 600 m de largura em média. O vetor noroeste localiza-se ao longo do Rio Capibaribe, desde a Avenida Agamenon Magalhães até a BR-101, majoritariamente localizado em sua margem esquerda. Optou-se por não apresentar nesta escala outros usos de alto padrão, localizados no limite noroeste do município, em função da baixa densidade desses usos.



C. A maior parte do solo urbanizado da cidade, coberto pela cor amarela na figura ao lado, é de **categoria C**, que representa a predominância do uso residencial unifamiliar horizontal em áreas de planície, com presença de comércio e serviços em centralidades ou eixos viários principais. São áreas de densidade construtiva e populacional média e baixa e envolvem áreas de CIS, algumas já marcadas como ZEIS.



D. Localizadas nos limites norte e sul do município estão as duas manchas de **categoria D**, em roxo na figura. Essas áreas correspondem a grandes ocupações espontâneas em áreas de morro, CIS em sua grande maioria abarcadas por ZEIS. Caracterizam-se por significativa carência de infraestrutura e descontinuidade em seu tecido, resultando em deficiência de acessibilidade e mobilidade.



E. Marcada em azul no mapa como **categoria E**, o eixo da Avenida Mascarenhas de Moraes/ Linha Sul do metrô abrange um tecido de quadras e lotes de maior dimensão, abrigando galpões e grandes equipamentos, concessionárias etc.

Fonte: Prefeitura do Recife (2018).

A partir disso, os resquícios desses déficits na qualidade e estrutura na mancha urbana recifense são desencadeados de diversas formas, principalmente no panorama das desigualdades socioeconômicas, principalmente relacionados com os espaços de socialização e lazer dentro do planejamento da cidade. Segundo Ribeiro (2005) “a organização social do território impacta diretamente no uso/apropriação de diversos grupos no espaço urbano, suas características socioeconômicas e cultural são consideradas grandes indicativos para a materialização dos serviços urbanos de acordo com as hierarquias sócio-ocupacionais”. Dessa forma, por apresentar uma heterogeneidade de espaços e indivíduos, a cidade desenvolve esse papel de ordenamento territorial de dualidade podendo exercer a formas positivas integração, ou então a segregação e reprodução das desigualdades como ocorre na maioria dos casos, inclusive no solo de Recife.

Através dessa reflexão de uso/apropriação do território do Recife e seus bairros, é possível apontar algumas de suas simbologias histórico-culturais através de seu planejamento como cidade para contextualizar as composições paisagísticas mais abaixo. É preciso lembrar que a cidade abarca vários centros históricos culturais, existindo realidades paralelas convivendo, complexificando o que seria para Bitoun (1993, p. 51) “a consciência cívica local, sendo exatamente a necessidade de identificar a história e cultura plural da cidade”. Entretanto, nesses vários pontos históricos, 3 (três) se fazem presentes e muito visíveis na cidade sendo: “o *Centro* com sua influência religiosa, os *mocambos* (favelas) como região periférica, e os *bairros* com materialidade e herança colonial” (BITOUN, 1993). A partir disso, é possível abordar questões fundamentais dessa complexidade, sendo a primeira a opressão de valores históricos e culturais pelo poder de higienização dos espaços, e a segunda a luta contra privilégios cristalizados no espaço urbano e sua degradação ambiental.

Adentrando na caracterização do uso de solos feita pela Prefeitura do Recife (2019), é possível identificar esses três pontos históricos que Bitoun (1993) expôs. No Plano Diretor da cidade que pode ser observado na Figura 4 acima, a denominada de “categoria A”, corresponde a área central do Recife com uma expressiva quantidade de comércio e serviços e concentração de imóveis históricos, o que em diálogo com o citado autor seria o centro religioso por causa de sua influência “histórica” deixando marcas principalmente na paisagem com sua arquitetura. Já na “categoria B” sendo aqueles territórios historicamente privilegiados, com registros tradicionais com edificações civis e religiosas também, definidas com as “Áreas dos doze bairros”: localizações de maior interesse para o mercado imobiliário, com numerosas edificações verticalizadas ou bairros de heranças coloniais. Por fim, as categorias C e D, com presenças marcantes de ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) e CIS (Comunidade de

Interesse Social) desenvolvendo em sua região conflitos de moradias e disputas, o que para Bitoun seriam os mocambos.

A análise dos centros plurais e simbologias histórico-culturais especializadas de todo território municipal que é produto dos planos e intervenções urbanísticas desenvolvidos desde então, inclusive o recorte deste estudo o qual encontra-se classificado como categoria D. Na definição da Prefeitura do Recife a categoria D é uma zona de “áreas periféricas da cidade, representadas por territórios de declividade elevada com presença de morros, alta vulnerabilidade social, deficiências de infraestrutura, escassez de áreas públicas verdes e lazer” (p. 464).

À vista disso, o reflexo disso na dinâmica atual do Recife no recorte temático das composições insurgentes paisagísticas pode ser visto na discrepância de infraestruturas de áreas verdes, praça e parques as quais existem tanto em bairros do Centro quanto daqueles de heranças coloniais (bairros nobres), ou seja, há maior quantidade de espaços de socialização e lazer, enquanto em áreas periféricas de antigos mocambos e ocupações informais tais equipamentos são muito raros ou inexistentes.

Além disso, no estudo de Santos (2015), sobre o Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU)³ na RMR classificado através de cinco dimensões, mas para esse estudo irá se ater a 3 condições ambientais e infraestruturas urbanas, condições habitacionais para o município de Recife os índices podem ser observados no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Quadro conceitual do índice de bem-estar de Recife segundo os parâmetros de Santos (2015).

Condições Ambientais Urbanas	Condições Habitacionais	Infraestrutura Urbana
Classificação: “Serviços públicos considerados essenciais para o bem-estar urbano, como por exemplo: coleta de lixo, arborização das vias públicas e esgotamento sanitário”.	Classificação: “Precariedade das condições habitacionais urbanas”	Classificação: “Indicador de vulnerabilidade, atuação do poder público municipal de atender as necessidades da população”.
Panorama Município de Recife:	Panorama Município de Recife:	Panorama Município de Recife:

³ Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU) a partir dos anos de 2000 os pesquisadores do Observatório das Metrôpoles adjunto os dados do IBGE utilizam a metodologia para desenvolver um panorama da qualidade dos serviços urbanos nas grandes cidades. O IBEU é desenvolvido em cinco dimensões de análises: mobilidade urbana, condições ambientais urbanas, condições de habilidade urbana. Atendimento de serviços coletivos urbanos e infraestrutura urbana (SANTOS, 2015, p. 351-352).

Condições Ambientais Urbanas	Condições Habitacionais	Infraestrutura Urbana
Condições urbanas são bastantes ruins, áreas razoavelmente boas encontradas onde se tem uma maior renda (p.369)	60% das habitações em Recife apresentam condições bastante ruins, já nos 40% são compostas por lares intermediários. (p. 372)	Destaca que quanto maior o nível socioeconômico melhor tende ser as condições de infraestrutura urbana (p. 379)

Fonte: Santos (2015).

A partir desse panorama sinaliza que a maioria das condições humanas e acesso aos serviços públicos dentro da cidade Recife são de classificações ruins, concomitantemente, quanto maior o desenvolvimento socioeconômico mais acesso a elas o cidadão tem. Como também, ainda em sua argumentação Santos (2015) expõe sobre a insuficiência histórica das políticas públicas em soluções problemas e melhoria de vida urbana, sendo o principal fator dessas péssimas qualidades dentro da cidade, como é retratado:

A grande maioria da população se espalha por áreas que apresentam níveis bastantes precários desse índice, o que deixa evidente a carência de ação do poder público que não tem capacidade de resolver déficits históricos e estruturais, que minimizem os impactos negativos do crescimento populacional da RMR (SANTOS, 2015, p. 381)

Portanto, é possível pontuar que desde os primórdios dos processos de organização territorial Recife foi se construindo a partir das desigualdades de serviços, e infraestrutura as quais ainda não foram superadas, nem solucionadas refletindo atualmente nos espaços e vivências. Logo, no contexto do bairro o qual o bairro Vasco da Gama se insere aponta índices negativos que são ressaltados pela própria prefeitura retratando ainda mais a complexidade dos vazios estruturais, além dos interesses e destinação de projetos de acesso à qualidade de vida. Desse modo, a partir desse breve apanhado histórico sobre as dinâmicas de urbanização e desigualdades dentro do Recife, relacionado aos fenômenos espaciais e suas totalidades conforme Santos (1985) com formas, funções, estruturas e processos, reflexão que iniciou este subtópico, é possível afirmar que: a forma relaciona-se à expansão da cidade com o padrão de formato tentacular da malha urbana, funções perpassa historicamente pela composição voltada aos engenhos de açúcar, cidade portuária, modernização urbana ou fatores que levaram a cidade se desenvolver e ter a característica tentacular, já a estrutura refere-se a como ocorreu o uso e ocupação do solo em especial na cidade do Recife houve o privilégio de certas áreas de classe média e planos de higienização para a população mais pobre, tornando-a desordenada e desigual; e por fim o processo são todos esses fatores incluindo o tempo e mudanças socioeconômicas no panorama de condições humanas e acesso aos serviços públicos dentro da cidade

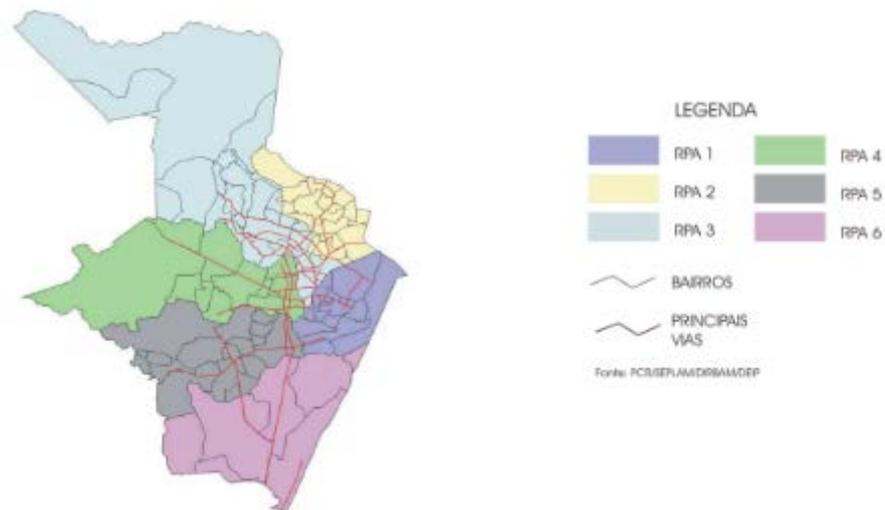
Recife Sendo assim, a reflexão segue para as questões dos espaços públicos verdes e de lazer nas dinâmicas da geopolítica dos bairros, em especial no Vasco da Gama.

2.2. GEOPOLÍTICA NA DESIGUALDADE DO ESPAÇO URBANO RECIFENSE: FRAGMENTAÇÃO URBANÍSTICAS ESTRUTURAIS E SEUS IMPACTOS SOCIOESPACIAIS.

Este subtópico tem o intuito de abordar o impacto das discriminações socioespaciais no recorte de estudo localizado no Vasco da Gama, e a forma como os moradores locais encontram de superar esses vazios estruturais desenvolvidos pelo planejamento urbano, principalmente no aspecto dos espaços públicos verdes e de lazer os quais dialogam diretamente com as intervenções paisagísticas desenvolvidas no bairro.

As composições paisagísticas do bairro de Vasco da Gama, dentro das divisões feitas pela PCR está localizado na Zona Noroeste do Recife e incluídas na RPA 3 (destacadas a seguir, na Figura 5), representam a maior composição territorial da cidade, caracterizada, dentre outros aspectos, por: presença de áreas de morros periféricos à planície litorânea, onde se observa alguns questionamentos e conflitos relacionados à falta de infraestruturas públicas como a pavimentação das ruas, a falta/ineficiência da limpeza urbana; além da ocupação de encostas; morros e Áreas de Preservação Permanente (APP), ocasionado pela presença do Rio Capibaribe e afluentes no local (MENDES, MELO e ANDRADE, 2011).

Figura 5 - Identificação das Regiões Político Administrativas do Recife (RPAs)



Fonte: MENDES, MELO e ANDRADE, 2011.

No contexto do espaço urbano recifense a desigualdade social se faz presente na marca da paisagem, pois, em sua evolução urbana, houve uma falha na distribuição dos serviços, infraestrutura, acesso ao solo e oportunidades habitacionais, como foi mencionado anteriormente. Conforme, Santos (2015, p.380) menciona os bairros tradicionais das classes dominantes receberam maior investimento em serviços públicos urbano como por exemplo: Derby, Madalena, Torre, Graças, Espinheiro, Aflitos, Tamarineira, Casa Forte, Jaqueira, Poço da Panela e Apipucos. Já no recorte deste estudo, o bairro do Vasco da Gama, encontra-se dentro da microrregião na zona noroeste onde é posicionado como anfiteatro por causa dos morros que envolvem a planície flúvio-marinha, e habita a população mais pobre da cidade a qual tem uma escassez de áreas verdes, lazer e infraestrutura (PCR, 2018). Apontando os contrastes das realidades com demandas e dinâmicas diferenciadas na paisagem urbana, por essa marginalização das microrregiões advindas da desigualdade social.

As ações de intervenções paisagísticas são formas distintas e complementares, promovem a revitalização (paisagística) de espaços comuns (públicos) nos bairros por meio da ação comunitária. Situados num contexto de ausências, os moradores buscam expressar uma resistência cultural e simbólica ao demandar uma melhor qualidade de vida e bem-estar para seus lugares, mobilizando a comunidade para a constituição de uma cidadania paisagística. Com isso, pode-se observar o reflexo dessa problemática urbana a partir das construções das composições paisagísticas: elas buscam superar as lacunas desses espaços vazios, da ausência de infraestruturas e pela inserção de amenidades ambientais (como áreas verdes, jardins e praças arborizadas) não planejadas pela intervenção oficial.

As preocupações com o meio ambiente no espaço urbano, principalmente em questão das áreas verdes, tornam-se uma questão central ao contexto contemporâneo, possibilitando a compreensão da natureza não apenas como um ambiente intocado, mas sobretudo como aquela presente também em nosso cotidiano. Conforme destaca Derani (1997, p.70-71), “o meio ambiente deixa-se conceituar como um espaço onde se encontram os recursos naturais, inclusive aqueles já reproduzidos (transformados) ou degenerados (poluídos) como no caso do meio ambiente urbano”. Dessa forma, novas esferas de valores surgem com intuito de amenizar as degradações ambientais, a partir da construção de amenidades ecológicas dentro das dinâmicas do urbano visando o equilíbrio entre os fatores ambientais e desenvolvimento social.

Além disso, no panorama dos espaços públicos verdes Carneiro (2004), destaca que a cidade do Recife apresentava em 2004 um total de 267 parques, praças, jardins e unidades de conservação, sendo 44 desses espaços no espaço da RPA 3, onde encontra-se inserido nosso objeto de análise. O número dos espaços verdes e de lazer nessa região encontravam-se dentro da média das regiões da cidade, mas, considerada a extensão territorial desse recorte regional, essa presença revela-se pequena e mais carente que em outras regiões da cidade, como podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 - Quantidade dos espaços verdes - UC's, Parques, Praças e Jardins no Recife (2004/2022)

Quantidade dos espaços verdes - UC's, Parques, praças e Jardins 2004 - 2022								
Espaços Verdes	RPA 1	RPA 2	RPA 3	RPA 4	RPA 5	RPA 6	Total	Ano
Unidades de conservação	1	1	3	4	6	4	19	2004
	2	1	6	4	6	5	24	2022
Parques	1	0	3	3	0	1	8	2004
	2	1	5	7	1	3	19	2022
Praça	32	21	33	33	39	61	219	2004
	55	47	65	74	74	106	419	2022
Jardim	6	2	5	3	1	4	21	2004

Áreas Verdes	23	12	5	12	12	3	67	2022
Total	40	24	44	43	46	70	267	2004
	82	61	81	97	93	117	529	2022

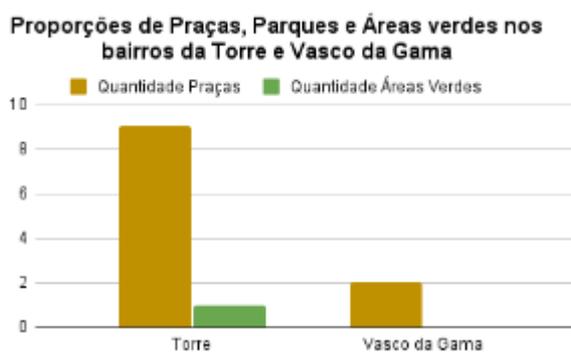
Fonte dos dados de 2022 – PREFEITURA DO RECIFE. Dados Recife, Secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos, Parques e Praças. Disponível em: <http://dados.recife.pe.gov.br/dataset/parques-e-pracas/resource/18e58d3b-8096-4bac-bc18-273bacd7d01c>. Acesso em: 16 fev. 2022.

Dados de 2004 – Adaptado de: CARNEIRO, A. R. S. Os espaços verdes na história do Recife. Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 19, p. 67-81, 2004.

Em 2022, por sua vez, o Recife passou a apresentar um número maior de equipamentos urbanos e inclusão dos recursos ambientais de preservação com o aumento das UCs, parques e jardins (ver tabela 1). Nos dados apresentados pela Prefeitura do Recife, observa-se que a classificação das áreas verdes mais expressivas são as praças, que ocupam a grande maioria das áreas verdes (PREFEITURA DO RECIFE, 2022). Além disso, levando em consideração as dinâmicas das RPAs e as questões apresentadas por Carneiro (2004), que foram mencionadas acima, a desigualdade dos espaços verdes ainda se encontram refletidas no território pois, apesar do seu crescimento, as regiões com índices socioeconômicos mais elevados ainda recebem mais infraestruturas e investimentos nesta questão.

Se a discrepância na presença dos espaços verdes e de lazer podem ser observadas através da comparação entre as regiões administrativas da cidade, elas também podem ser verificadas a partir dos dados de dois bairros presentes na RPA que envolve o nosso recorte. No Gráfico 1, destacado a seguir, a partir dos dados de 2022 disponibilizados pela Secretaria de Infraestrutura da Prefeitura da Cidade do Recife, é possível observar uma desigualdade dos equipamentos urbanísticos voltados ao lazer e convivência com a natureza nesses bairros: enquanto na Torre, bairro de classe média da Zona Oeste do Recife, observa-se a existência de nove praças e uma área verde, no bairro do Vasco da Gama, bairro com perfil popular, existem apenas duas praças e nenhuma área verde.

Gráfico 1 - Proporção de Praças, Parques e Áreas verdes nos bairros da Torre e Vasco da Gama



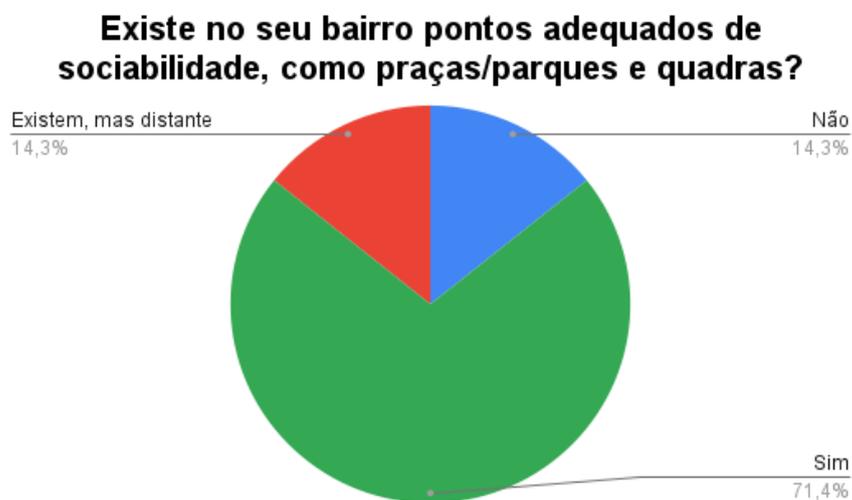
Fonte: Prefeitura do Recife. Secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos, Parque e Praças (2023).

Diante disso, é notório uma seletividade espacial para o desenvolvimento de espaços públicos verdes dentro da cidade, onde bairros com maior desenvolvimento econômico-social recebem maiores investimentos de infraestrutura e lazer. Por outro lado, regiões periféricas e/ou bairros populares, apresentam, na maioria das vezes, apenas o básico desses serviços. Assim, o espaço urbano recifense apresenta uma desigualdade socioeconômica que expõe as suas marcas na paisagem, tanto pelo perfil construtivo dos diferentes bairros da cidade quanto pela distribuição desigual dos serviços, assim como através do diferente acesso da população aos equipamentos urbanos. As fragmentações e contradições partem para além da objetificação do espaço urbano, nos estudos de Carlos, A. (2007) destaca a importância da consciência urbana frente a esse processo, que só podem ser adquiridos a partir da vivência com o cotidiano para ocorrer a superação das necessidades. O reflexo disso nas composições comunitárias é o desenvolvimento das vontades de compor um “espaço vazio/esquecido” do qual faz parte da rotina dos habitantes, sendo assim, um ponto essencial na reivindicação e transformação urbana espacial.

Em dados mais próximo as vivências dos moradores do Vasco da Gama, nas entrevistas de campo quando questionados sobre presença de áreas de socialização como praças, parque e quadras mais da metade dos moradores afirmaram que esses equipamentos urbanos existem dentro do bairro, entretanto os números que retratam a não existência divide espaço com a argumentação de que até existem mas são pontos distantes (ver Gráfico 2), ou seja, levando a interpretações que talvez não seja centralizados ou são informações pouco divulgadas aos próprios moradores. Além disso, durante o trabalho de campo foram identificados três pontos de socialização sendo uma quadra e praça, um parque. A praça e o parque foram relatados sendo pontos novos inseridos dentro da dinâmica, e quadra houve uma reforma todos advindos de

ações da Prefeitura do Recife como o apoio dos moradores locais como pode ser visto na Figura 6.

Gráfico 2 - Existências de Praças, Parque e Quadras no bairro do Vasco da Gama.



Fonte: Trabalho de campo (2022).

Figura 6 - Identificação dos novos pontos de socialização dentro do bairro Vasco Gama, a partir do trabalho de campo.

Quadra na Rua Vasco da Gama (última manutenção em 2020)



Praça na Rua Alto do Eucalipto (implantado em 2023)



Parque Vicente André Gomes – Rua Paraisópolis (implantada 2020)



Fonte: Trabalho de campo, 2020-2022

Diante o histórico de esquecimento estrutural para essas comunidades já apontadas acima nota-se, principalmente no Vasco da Gama que atualmente existe um movimento de ressignificação espacial com a presença de diferentes equipamentos urbanos destinados a lazer e maior socialização da população, relacionados ao protagonismo social se será pontuado logo abaixo. Dessa maneira, ações de composições paisagísticas desenvolvem o caráter de questionar e reivindicar uma melhor gestão da paisagem e dos espaços públicos de suas comunidades, denunciando a ausência e/ou ineficiência da atuação estatal, como por exemplo as novas quadras, parques e praças. A implantação de áreas verdes e de convivência feitas pelos próprios moradores ou com apelo as políticas públicas locais, é uma das finalidades das intervenções paisagísticas, que busca estimular novos usos dos espaços públicos e um maior envolvimento dos grupos locais com a gestão do seu espaço. Na luta contra a degradação das condições de habitabilidade, as revitalizações paisagísticas apresentam um caráter de denúncia dessas condições deficitárias, tanto ambientais quanto advindas da carência de serviços básicos e infraestruturas.

3. CIDADANIA PAISAGÍSTICA E AUTOGESTÃO: EMERGÊNCIA DO PROTAGONISMO POPULAR FRENTE ÀS CARÊNCIAS PAISAGÍSTICAS

Esta parte da pesquisa é estruturada em questões mais teóricas para expor os conceitos principais desta pesquisa que são de cidadania paisagística, com o intuito de compreender as complexidades dentro dinâmicas observadas na comunidade do Vasco da Gama expondo principalmente a atuação dos moradores com a paisagem e surgimento do movimento de protagonismo popular para enfrentar os problemas urbanos que os atingem.

3.1. PAISAGEM E CIDADANIA PAISAGÍSTICA: UM ESTUDO NO VASCO DA GAMA

As reflexões neste subtópico inicialmente serão norteadas através do conceito de paisagem interligando-se à cidadania paisagística e seu movimento de protagonismo nas intervenções no bairro do Vasco da Gama, considerado um dos pontos chaves para o entendimento das complexidades deste estudo.

As intervenções espaciais consideradas nesta pesquisa são relacionadas diretamente com as questões e demandas paisagísticas dos moradores, assim como com as histórias dos lugares onde estão inseridas e construídas, expressando um caráter político e de expressão das disputas que existem em sua esfera, (abordado anteriormente). Ao desenvolver ações que visam a melhoria e o reconhecimento das marcas territoriais que se identificam, os moradores passam a utilizar as materialidades dos espaços públicos para tornar visíveis suas necessidades de produzir uma paisagem que torna ela mesma um meio de ação política. É possível verificar conexões entre as demandas expressas pelos habitantes (a partir da intervenção paisagística) e o exercício da cidadania. Assim, a paisagem se torna um importante caminho na luta pelo reconhecimento (social, cultural, político, jurídico) e pertencimento dos grupos no território e na sociedade.

Conforme destaca Serrão (2013, p. 8) a paisagem pode ser considerada como uma superfície permeada de sensibilidades e expressão do Ser, permitindo-nos considerar que o corpo humano é um elemento mediador e relacional com expressões sensíveis que se estabelecem entre a corporeidade e sua relação com a exterioridade e com o mundo que habita. Além disso, Alves (2001, p. 72) argumenta que é só “através das concepções com visões sensorial, afetiva, simbólica e material do território vivido e dos indivíduos com suas

(re)produções que se compreende a desordem e caos das potencialidades desenvolvidas pela velocidade da alteração da paisagem”.

Assim, a partir dessas questões, compreende-se que a paisagem reflete os valores dos indivíduos e da sociedade que a integram, evidenciando-se, no contexto atual em geral, a lógica individualista que caracteriza o apartamento do ser humano em relação à natureza, quando sobrepõe suas vontades aos demais seres vivos (GONÇALVES, 2015). Essa pontuação é bastante necessária uma vez que a paisagem se coloca como objeto de disputa de diferentes interesses e que, no contexto recifense, observa-se a existência de um grupo de maior desenvolvimento econômico se beneficiando do direito paisagístico dentro das dinâmicas da cidade, como foi mencionado anteriormente.

Entretanto, no contexto contemporâneo observa-se que a paisagem passa a ser mobilizada também a partir do protagonismo dos moradores nos bairros periféricos, onde nota-se a expressão de uma visão mais horizontal da paisagem, considerada como um bem comum, conforme os termos apresentados por Besse (2018): exercício não de uma propriedade sobre a paisagem, mas da sua função social, compartilhada por todos, a partir da ruptura com os interesses individuais, econômicos e formas de gestão e governança como a paisagem é usualmente abordada em nossas cidades.

É nesse ponto que as intervenções expressam uma cidadania paisagística, no sentido que suas ações demandam pelo direito de ver, ser e estar na paisagem: ver um lugar bonito e agradável em suas comunidades; ser e estar como participantes do processo de gestão dessas paisagens, compreendendo que seus lugares e suas presenças são centrais para pensar uma gestão inclusiva da cidade (BARBOSA, 2020). Essa cidadania paisagística pode ser garantida, em nossa compreensão, a partir da associação de duas questões ao debate paisagístico: participação e gestão. Participação através da necessidade de incorporar a população na identificação dos valores (culturais, patrimoniais, econômicos etc.) paisagísticos, mas também no planejamento/gestão dos quadros paisagísticos. Gestão que deve ser realizada a partir de uma perspectiva participativa, compartilhada e comprometida com a criação de espaços políticos para possibilitar encontros, debates e acordos sobre os interesses conflitantes (BARBOSA, 2020).

Tais questões no debate paisagístico contemporâneo são construídas não apenas a partir da valoração das formas, mas principalmente pelo reconhecimento dos valores e relações espaciais construídos por ações ordinárias. São debates que estimulam uma leitura da paisagem como parte dos sujeitos que nela se reconhecem e com ela estabelecem uma ligação, produto e

condição de sua existência, em conexão aos processos territoriais cotidianos dos sujeitos nas suas relações com o mundo circundante. Essas questões apontam a necessidade e possibilidade de aproximar a abordagem da paisagem das reflexões sobre a democracia e do exercício da cidadania, a partir da discussão sobre as formas como racionalidades paisagísticas participam da ação política de grupos sociais dentro de suas reivindicações por direitos e engajamento de suas cidadanias. Além disso, são essenciais às preocupações das abordagens cultural e política da geografia, da geografia social, enfim, visto que possibilitam compreender de que forma a paisagem articula, a um só modo, pensamentos, ações e negociações necessárias à manutenção da sociedade democrática (BARBOSA, 2020).

A identificação do exercício da cidadania paisagística no bairro do Vasco da Gama encontra-se principalmente na classificação de nichos e composições pois, são ações construídas pelo compromisso dos moradores locais envolvidos em todas as etapas: na construção do projeto de ocupação, nas ações de manutenção diária, no caso dos nichos em busca de sua melhoria numa atividade pontual e rápida, já nas composições surgem a partir da reivindicação coletiva englobando uma rede articulação para além daquele grupo em prol de melhorias de lazer no bairro. Sendo assim, caracterizando-se como um movimento periférico de reivindicação do direito à paisagem, e demanda de melhoria dos lugares, da instalação de infraestruturas ao cuidado estético principalmente nos territórios mais pobre da cidade, onde tanto nas ações das composições, como os nichos agregam bastante positivamente na dinâmica do bairro relacionando sempre com o cuidado, a estética, e convivência no bairro, assim como aponta o engajamento dos locais com o espaço vivido os quais incluem-se nas reivindicações e melhorias dentro dele.

Essas ações revelam um movimento mais amplo da sociedade em direção aos debates que envolvem a importância do cuidado ambiental e paisagístico na consolidação da cidadania e da justiça social, permitindo-nos uma aproximação com a questão do direito à paisagem e da cidadania paisagística (BARBOSA, 2020). A partir dos relatos e discursos dos moradores do recorte desta pesquisa, observa-se que suas articulações envolvem a reivindicação de espaços prazíveis e com expressões do bem-estar social, apontados com mais complexidade no capítulo 3. Dessa forma, passam a ser consideradas por movimento que buscam mostrar que essas pessoas residem em lugares cujas condições podem ser melhoradas, com intervenções pensadas não apenas em nome da necessidade ou da redução dos riscos, mas pelo incremento da qualidade e do bem-estar coletivo (BARBOSA, 2020).

Como destaca Besse (2014, p. 251), apoiado nas reflexões de J.B. Jackson, a percepção paisagística que se desenvolve na escala da proximidade e das vivências, contribuem para “personificar a nossa existência (o nosso estar no mundo)”, ao mesmo tempo que “traduz o fato de que somos habitantes do mundo”. Assim, em função dessas tentativas de viver em harmonia com o mundo que os cerca, esses moradores demonstram um raciocínio paisagístico vinculado na elaboração vernacular da paisagem, a partir de um conjunto de práticas e usos continuamente elaborados e ajustados ao contato com o lugar.

3.2. O IMPACTO DO MOVIMENTO DA AUTOGESTÃO NO BAIRRO PERIFÉRICO DO VASCO DA GAMA TRANSFORMAÇÃO DA MALHA URBANA.

Nas composições paisagísticas observadas, a cidadania paisagística se expressa a partir do movimento de autogestão dos moradores com suas atuações no espaço, pois refere-se exatamente ao aspecto social de atividades coletivas que buscam resolver os problemas estruturais verificados nos bairros: ações que buscam impedir o acúmulo de lixo, construir espaços de lazer e convivência e/ou criar espaços com uma estética agradável e aprazível. Nesta pesquisa o conceito será voltado ao modo de se autogerir na resolução dos problemas urbanos, principalmente nas organizações das estruturas da cidade e suas falhas que impactam diretamente os indivíduos, e por consequência emerge o protagonismo urbano, pois essas ações contribuem para uma ascensão do ativismo social em forma de protagonismo coletivo, estruturados a partir de novos nichos ou praças.

Em sua conceituação a autogestão se apresenta bastante complexa e polissêmica, segundo Proto (2010, p.60) a define como “uma práxis política do proletariado o qual numa linguagem mais contemporânea estão relacionados a grupos marginalizados, que buscam superar a sociedade de classes por meio de lutas sociais”. Já Pinheiro e Paula (2016, p. 237), argumenta que a autogestão sempre é relacionada ao “trabalho coletivo e distribuição por igual do capital, das remunerações, ligado muito ao comunismo, mas também as maneiras organizacionais às quais são opostas aos grandes sistemas político e socioeconômicos de dominação”. Em Lefebvre (2017, p. 140), por sua vez a autogestão em sua universalização entra na ideia de “confronto radical entre a organização social e elementos do sistema capitalista como por exemplo: poder, dinheiro e mercadoria, em busca da liberdade e questionamento das práticas sociais e políticas”. Logo, é possível afirmar que a transformação social e confronto

direto com as formas do sistema de dominação são pontos fundamentais em todas essas conceituações, sendo através dessas percepções que será desenvolvida a análise da autogestão no bairro do Vasco da Gama.

Conforme, Lefebvre (2017, p. 138) sobre a origem do termo aponta que a ação de se autogerir nasce nas regiões mais fracas da sociedade as quais o Estado não se faz presente em sua totalidade, e em consequência disso desenvolve a movimentação para superar os vazios deixado pelo poder estrutural, como é retratado pelo autor citado:

Partes fracas, vácuos, são revelados apenas na prática, através da iniciativa de indivíduos capazes de tal iniciativa ou das investigações embrionárias de grupos com capacidade de intervir. Se pontos fracos podem assim se transformar em pontos fortes no conjunto da estrutura social, eles podem reciprocamente resultar de um decréscimo ou colapso do conjunto (LEFEBVRE, 2017, p 138).

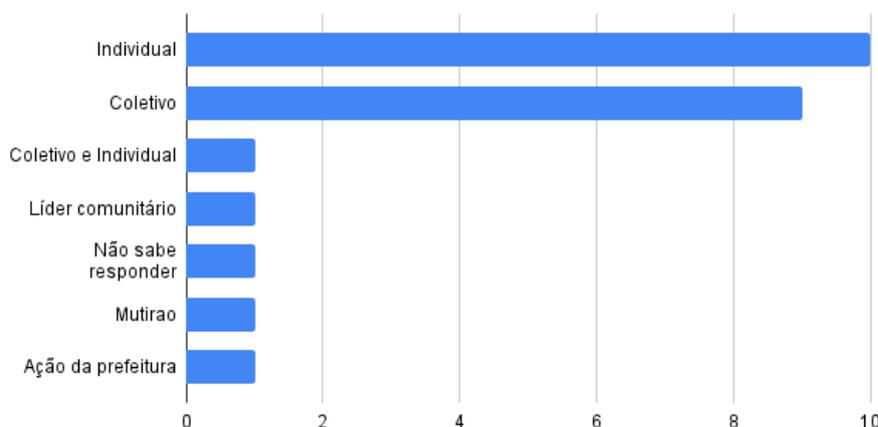
Diante disso, nota-se que a fase embrionária da autogestão se associa com as regiões fracas advindas principalmente das disparidades socioeconômicas e com o objetivo de desenvolver mudanças significativas dentro do corpo social de forma a expandir-se. Essas pontuações refletem diretamente nas intervenções paisagísticas do Vasco da Gama, pois é com essas ações iniciais advindas dos moradores como meio de luta, em busca de transformar as regiões fracas deixada pelo Estado com novos significados e alterados com suas próprias simbologias, deixando claro que não é o caso de uma análise da autogestão radicalizada e generalizada no caminho de uma revolução global para se afirmar completamente.

A partir dessa perspectiva, segundo os estudos de Proto (2010, p. 60), dois elementos importantes dentro no movimento de autogestão são: a necessidade e desejos os quais derivados de acordo com as condições sociais dos indivíduos são chaves para superação das classes sociais. Esses dois elementos nas dinâmicas de atuação feita pelos moradores do Vasco da Gama são fundamentais e precursores nas ações, uma vez que é através da vontade e necessidade de espaços com uma melhor qualidade de vida dentro dos bairros periféricos de Recife que se encontra em emergência o movimento de autogestão no espaço urbano.

Ao considerar o modo de autogerir no espaço urbano recifense relacionados às interferências paisagísticas do Vasco da Gama, nos dados coletados em campo sobre ações e quem as inserem no espaço observa-se que é um movimento misto de uso e apropriação como pode ser visto no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Atores que intervêm na paisagem do bairro Vasco da Gama.

Você sabe informar se são ações individuais ou coletivas que criam tais espaços ?



Fonte: Trabalho de campo (2023).⁴

Como pode ser observado acima existem vários atores relacionados a cada caso específico de composições, mas as ações individuais e coletivas são pontuadas com mais da metade dos entrevistados, ou seja, cada sujeito que habita o bairro é de grande destaque, como também indica a articulação social para o exercício da coletividade, sendo algo de fácil identificação dentro do cotidiano. Segundo, Andrada (2006, p. 4) retrata que o cotidiano se torna fundamental para as ações de autogestão, pois é através dele que a realidade atravessa os indivíduos e se concretizam, desenvolvendo as formas de criatividade cotidianas que cada indivíduo se reapropria do espaço social que frequenta e vive.

Essas formas de apropriação do espaço Lefebvre (2017, p. 140), argumenta no movimento de autogestão são alteradas a partir do valor de uso e troca dentro das relações que os tornam mercadorias, as quais passam do esvaziamento de significados e exploração para serem valorizadas pelas necessidades sociais apresentadas, controladas e administradas para seus próprios interesses. Logo, é por meio dessa ressignificação advinda da autogestão inserida nas ações das composições que os sujeitos locais identificam e atuam com novas formas de superação dos vazios estruturais e buscando descaracterizar o Vasco da Gama numa “região fraca”. Sendo assim, é por meio da autogestão das composições paisagísticas expressado na paisagem e cotidiano do bairro que o movimento que se opõe à perpetuação do imaginário coletivo e estrutural de caracterizar as favelas/periferias como lugares de acúmulos negativos, em termos de violência e degradação da paisagem urbana.

⁴ Formato de gráfico em barra, leva em consideração a quantidade de pessoas que responderam, que foi no total de 24 pessoas como mencionado na metodologia *versus* elementos da problemática disposta no questionário.

4. INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS DO VASCO DA GAMA: VISIBILIDADE ATRAVÉS DO PROTAGONISMO POPULAR E O ENFRENTAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS.

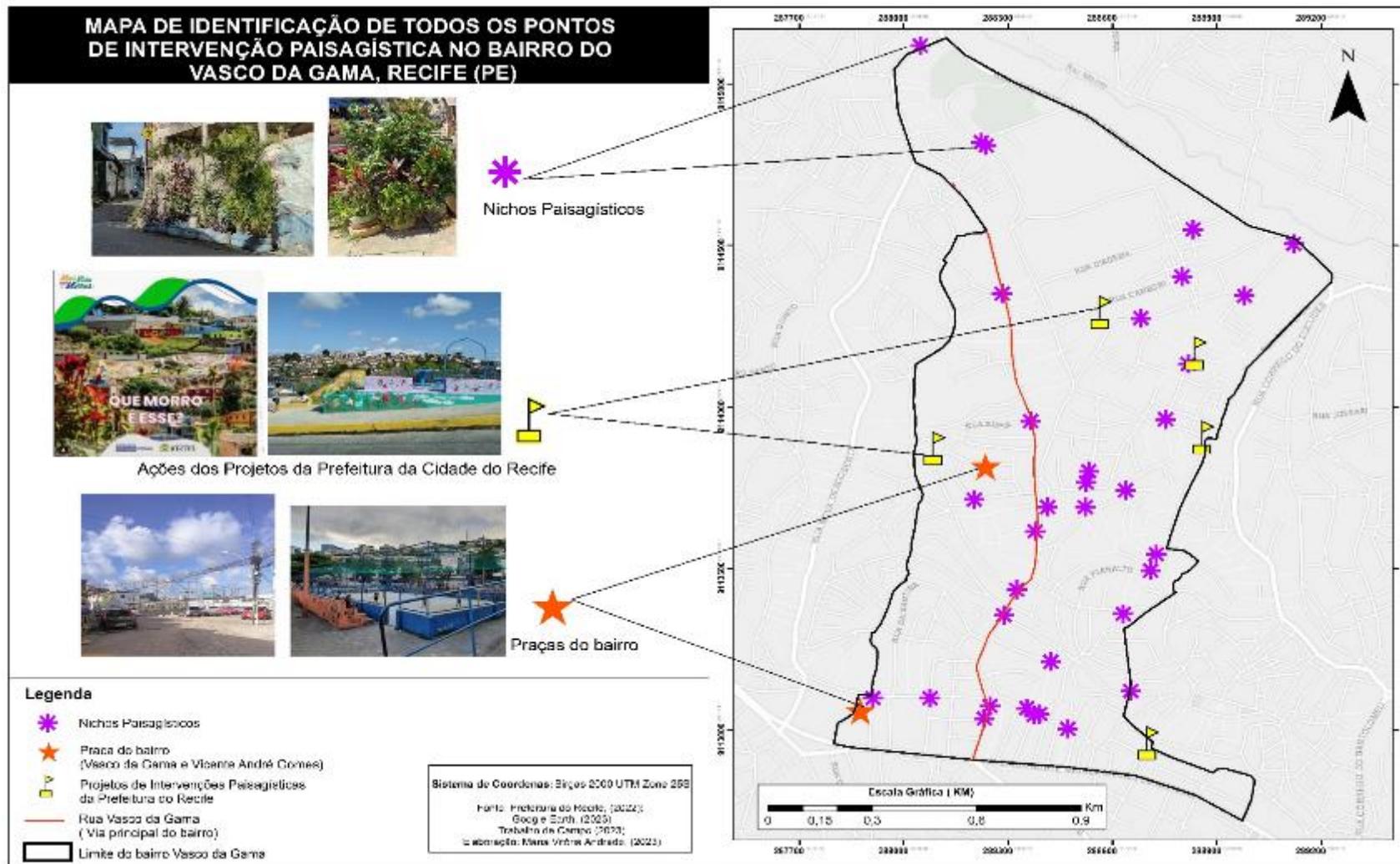
Esta última etapa da pesquisa é destinada aos resultados do contato direto com os moradores, dinâmicas de intervenções na paisagem através de seus relatos para entender o fenômeno do ponto de vista de quem elabora e se faz presente e protagonizando inovações no espaço vivido da cidade agregando a toda carga reflexiva e teórica até então desenvolvida. Além de apontar os direcionamentos das ações artísticas e investimentos públicos nos projetos de mesmo cunho político-social no bairro do Vasco da Gama e o enfrentamento dos Resíduos Sólidos Urbanos no bairro apresentando a complexidade e as diversidades de se autogerir.

4.1. PROTAGONISMO POPULAR: INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS, MEIO AMBIENTE E CUIDADO ESTÉTICO

As ações advindas do protagonismo popular através da cidadania paisagística e da autogestão do bairro do Vasco da Gama são de origem bastante complexa e apresentam uma diversidade de atores e elementos. Com isso, os dados e reflexões apresentadas abaixo são derivadas do trabalho de campo desenvolvido em alguns pontos no limite territorial do bairro, o qual teve o intuito de proximidade das dinâmicas do espaço vivido e as relações das intervenções paisagísticas com os moradores locais, suas identidades e movimentos sociais. Dessa maneira, na metodologia do trabalho de campo houve uma identificação dos pontos de composições, além da realização de algumas entrevistas com os moradores, totalizando 24 respostas completas, com variações de gênero, idade e lugares em que habitam.

A partir disso, no Vasco da Gama foram identificados vários pontos de intervenções paisagísticas. Os mais presentes em quase todo território do bairro são o que nomeamos de nichos, expressando apropriações feitas de materiais recicláveis e arbustos relacionadas diretamente com descarte indevido de lixo. Da mesma forma, destaca-se o Parque Vicente André Gomes derivado das articulações dos moradores em busca da infraestrutura urbana classificado como composições paisagísticas, e ações da Prefeitura destinadas a lazer e intervenções na paisagem como a Praça do Programa Tá Aprumado e Mais Vidas nos Morros, esses dois projetos da Prefeitura serão desenvolvidos no próximo subtópico, e todos os pontos de interferência paisagística e podem ser visto na Figura 7.

Figura 7 - Mapa de identificação de todos os pontos de intervenção paisagísticas no bairro do Vasco da Gama



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

A partir da vivência pessoal como moradora e do trabalho de campo feito ocorrido no bairro do Vasco da Gama, tornou-se notória a presença paisagística de vários elementos de intervenção em um único território, seja de pequenos nichos ajardinados, praças e pinturas próprias ou do projeto da PCR, algo que demonstra como o bairro insere-se nas dinâmicas de se autogerir territorialmente e determinar certas pautas sociais. Nesse movimento de se autogerir utilizando a paisagem como objeto de denúncia e ao mesmo tempo desenvolvendo novas esferas de simbologia dentro dos bairros, os moradores deixam suas marcas, identidades e, sobretudo, demandas referidas à qualidade de vida e bem-estar da população periférica.

Das intervenções identificadas, as mais presentes na paisagem do bairro são os nichos paisagísticos o qual definimos como composições menores construídas a partir do incômodo dos moradores com o descarte indevido do lixo. A partir disso, ocorreu a articulação dos moradores para a criação dos nichos compostos por materiais recicláveis como pneus pintados e pequenos arbustos organizados para recuperar o espaço e torná-lo mais aprazível, buscando resolver o problema do acúmulo de lixo. Nos trabalhos de campo, quando questionados sobre a existência dos nichos, a grande maioria respondeu que já avistou e acha que as ações são bastante positivas, permitindo uma transformação estética do bairro, como pode ser visto na Figura 8 e nos gráficos 7, 8, 9:

Figura 8 - Nichos localizados no bairro do Vasco da Gama.

A – Nichos identificados na R. José de Rebouças ao lado direito da imagem.

B – Nichos identificados na R. Frederico Ozanan ao lado direito e esquerdo da imagem.



C – Nichos identificados na R. Nova Descoberta.



D – Nichos identificados na R. Japaratuba.



Fonte: Google Earth (2023)

Gráfico 4- Identificação das composições pelos locais do Vasco da Gama

Você já avistou alguma composição como essa dessa feita de plantas, flores, jarros e pneus no seu bairro ?

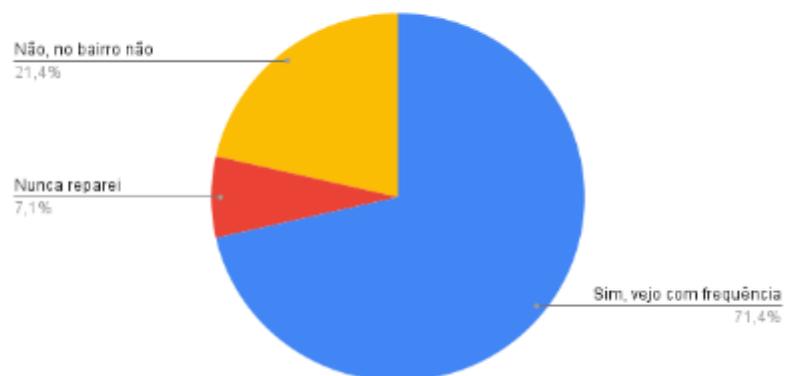


Gráfico 5 - Percepção avaliativa sobre os nichos dos locais no Vasco da Gama.

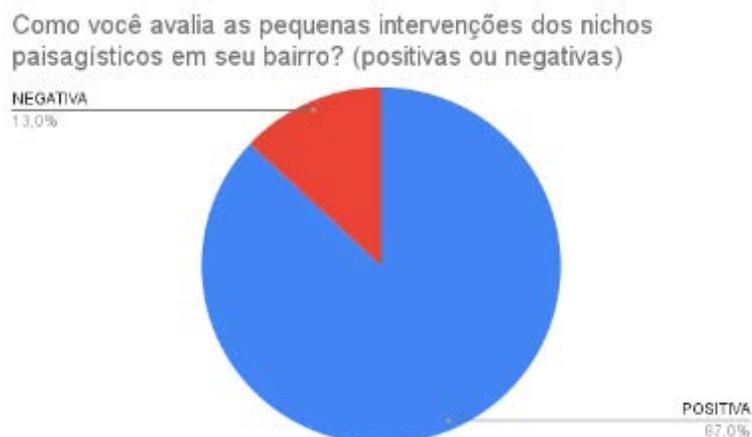
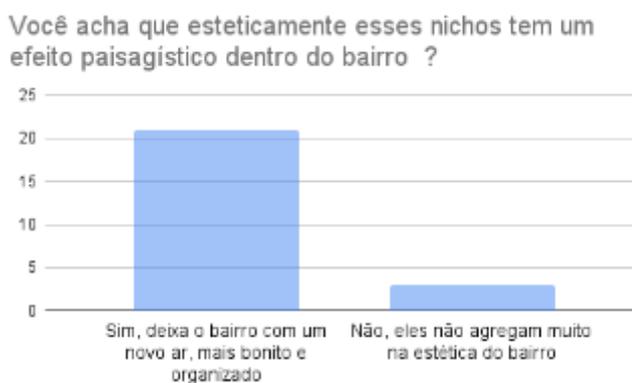


Gráfico 6 - Percepção dos locais sobre o movimento estético no bairro Vasco da Gama



Fonte: Trabalho de Campo (2022).

Perante o exposto, é possível apontar que existe a identificação do movimento pelos moradores e uma certa concordância de suas construções, ressaltando a importância das composições dentro do bairro. Da mesma forma, os moradores compreendem que essas ações seriam benéficas, possibilitando uma educação paisagística aos demais moradores, uma vez que essas composições estimulam que os espaços do bairro não sejam destruídos ou degradados pela presença do lixo, por exemplo. Além disso, este modo de intervir no espaço e de valorização da paisagem engloba questões de educação ambiental, uma vez que estão relacionadas com o combate ao acúmulo de lixo frente ao cuidado estético e a adaptabilidade da coleta de lixo ao contexto local assumem uma importância central para tentar resolver esse problema ambiental do bairro.

Outro ponto a ser ressaltado, além do cuidado com meio ambiente, são as mudanças na percepção estética e paisagística do bairro e da cidade. Quando questionados sobre o efeito paisagístico dos nichos no bairro, a grande maioria relatou desenvolver “um novo ar, deixando mais bonito e organizado” como pode ser visto no Gráfico 8 acima. São ações que expressam um movimento desenvolvido pelos moradores na tentativa de construir uma “convivência harmônica” da comunidade com o espaço da cidade, a partir da adoção de uma retórica paisagística que se aproxima de uma leitura estética centrada na experiência e no engajamento das pessoas em seus territórios (BERLEANT, 2013a, 2013b; SGARD, 2010). O “novo ar” e o “bonito” têm relações diretas com a construção de intervenções que valorizam o modo de ver e viver desses habitantes com a cidade, com uma paisagem que se aproxima de seus imaginários paisagísticos. Sendo, notório a transformação espacial totalmente advinda dos cidadãos e emergentes com um agir em comum de Besse (2018), que é orientado para práticas coletivas politizadas por ações e fazeres isso sendo participações, associações e coprodução, como por exemplos: jardins partilhados ou projetos de reapropriações em dimensão de políticas locais, que estão interligadas também com uma crise de representação governamental.

Logo, a presença dos nichos e as simbologias construídas pelos moradores locais podem ser compreendidos como uma forma de expressar seus valores, identidades, crenças e interpretações sobre a paisagem, além de suas reivindicações sociais. Como observamos nos relatos dos entrevistados, a organização e embelezamento das ruas é mais um reflexo de como aquela população espera que o lugar que elas habitam sejam aprazíveis e bonitos tal como consideram os demais pontos organizados e limpos que existem em outros espaços da cidade.

Na composição paisagísticas do Parque Vicente André Gomes, no bairro do Vasco da Gama, por sua vez, inaugurado em dezembro de 2020, também apresenta um processo de revitalização diferenciada, como pôde ser observado a partir de algumas entrevistas feitas em campo. Os relatos destacam que o local onde hoje existe a praça costumava ser abandonado, vazio e isso incomodava os moradores. A partir dessa inquietação, os moradores se articularam com alguns políticos locais para requalificar e construir um novo espaço, de preferência, uma área de lazer que não tinha no bairro. Com isso, levaram o projeto para a Prefeitura que foi aceito e desenvolvido através do diálogo entre gestores públicos e atores locais. Atualmente é um ponto em evidência no bairro mudando a paisagem, com quadra esportiva e área de recreação para crianças com grafites e muitas cores vivas (ver Figura 9A). Por ser algo muito recente na cidade, nos GPS e Google Maps o Parque Vicente André Gomes (ver Figura 9 B) ainda não aparece visível, sendo um ponto ainda desconhecido por outros moradores da cidade ou de outras partes do bairro.

Figura 9 - Dinâmicas de articulações do Protagonismo para o Parque Vicente André Gomes.

A - Parque Vicente André Gomes inaugurado em 2020.



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

B- Ponto sem a interferência da ação dos moradores e Prefeitura e visualização de não identificação do Parque nos grandes sistemas de GPS da atualidade.



Fonte: Google Maps, 2021.

Diante disso, pode-se analisar as trajetórias espaciais dos corpos para a constituição dos lugares ressignificados, pois está muito ligado com a atuação do corpo individual e coletivo em prol de qualidade vida e cidadania paisagística. Bem como, a corporeidade é um viés importante a ser analisado pois, como destaca Souza (2009, p.37) “no esquema: ser + corpo + outros seres = organização do lugar”, questão que se expressa a partir de uma relação entre os indivíduos na projeção dos lugares.

Com isso, com base na busca por mudança de contexto social, conforme Sousa, (Idem) apresenta “existe a marcação de identidades e tentativa de criação de um sistema simbólico baseado em práticas corporais comuns e com asseguramento de espaços apropriados e territorialmente delimitados para suas atividades”. Assim, a memória e identidade seriam mecanismos de ligar os indivíduos a uma coletividade para enfim “projetar os lugares de bens comuns”. Nas análises dos discursos das composições insurgentes dos bairros da Zona Noroeste do Recife existe uma construção de memória social coletiva, referente aos espaços das composições e advindos das ações de vivências entres os moradores, colaboradores e cotidiano local, o que gera o protagonismo social coletivo como parte do sentimento de pertencimento criado a partir dessa rede de complexidades das relações. Essa questão se expressa, sobretudo, a partir da construção de nichos e composições paisagísticas que apresentam como formas de cuidado e/ou preocupação estético-ambiental com o lugar onde vivem. Tais ações são desenvolvidas de forma consciente e podem motivar (os habitantes locais e os eventuais visitantes) o desenvolvimento de uma ligação sustentável e responsável com a cidade, a

natureza e suas expressões paisagísticas. São ações que demonstram que, sem a implicação das pessoas, qualquer protocolo ou convenção para tratar da paisagem será ineficaz (BARBOSA, 2020).

Com isso, nos bairros periféricos, em analogia aos antigos mocambos, os sentimentos de pertencimento, identidade e protagonismo popular advindo dos moradores e das desigualdades socioespaciais locais se fazem presentes. Apesar deste sentimento, segundo reflexões de Santos Junior e Halley (2018, p.237) sobre o contexto da cidade do Recife, espaços marginalizados frequentemente são caracterizados através de "vernáculos topofóbicos", ou "toponímias do medo" onde a todo tempo é disseminado medo ou insegurança, desenvolvendo uma simbologia referida a um lócus perigoso, resultado de traumas vivenciados, o que anula o movimento e a vivência de trocas sociais do cotidiano. Dessa forma, é desenvolvido socialmente o movimento da bairrofobia, bem como a apartação inclusive paisagística entre bairros nobres e áreas periféricas:

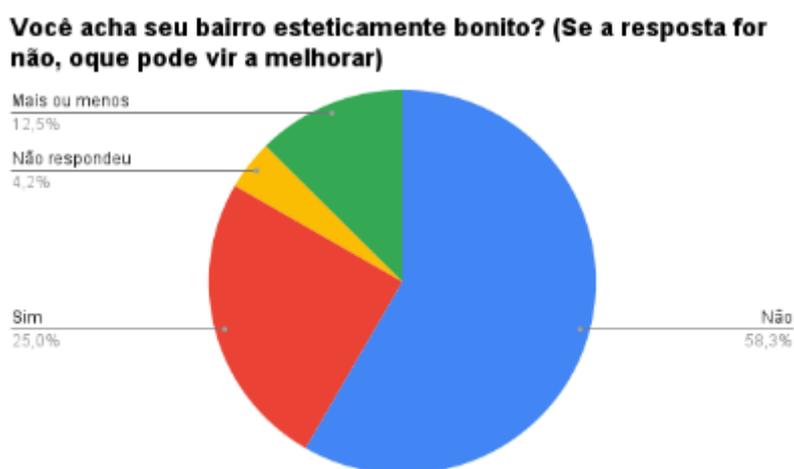
No Recife, o emanar destes objetos (edifícios-claustros, ruas privatizadas, mansões, condomínios fechados, shopping-centers...) tecnicamente fortificados pros aparatos de seguranças (guaritas, muros altos, câmeras de vigilância...), parece associar-se com espaços analogicamente opostos, estigmatizados como lugares do medo/insegurança – recortes topofóbicos da cidade. Lado a lado aos claustros urbanos, uma geografia de ruas escuras, becos, terrenos baldios, casas abandonadas, morros e comunidades pobres existentes à beira de rios, perfazem o espaço recifense, construindo também um imaginário de medo associando aos "contras uso" praticados por tais lugares". (SANTOS JUNIOR; HALLEY, 2018 p.237)

No decorrer desta pesquisa o fenômeno acima descrito pôde ser visto em dois aspectos: o primeiro sendo grupos hegemônicos que sempre alimentaram esse medo estrutural e fundamentam a violência urbana corporificada pela favelização da cidade, segregando boa parte da população (exclusão do outro). Já o segundo refere-se ao reflexo dos bairros elitizados e estruturados pela indústria da segurança com equipamento de vigilância para combater a violência que os mesmos ajudam a instaurar na cidade. Um exemplo disso encontra-se na Zona Oeste/Noroeste em bairros como Torre, Casa Forte e Casa Amarela que, mesmo sendo de classe alta e média, encontram-se adjacentes a bairros periféricos como Vasco da Gama e Morro da Conceição. Polarizações como estas podem ser lidas enquanto reflexo da urbanização violenta, sendo constatáveis diariamente em diversas formas que demonstram os contrastes inerentes à cidade do Recife.

Tais questões podem ser vinculadas ao contexto da cidade do Recife, onde se observa a existência de espaços marginalizados que, no senso comum e nas atuações do poder público, são caracterizados através de "vernáculos topofóbicos" e abordagens que disseminam a leitura

desses espaços através do medo, da insegurança e da sujeira, que consideram esses espaços apenas como um lócus perigoso e de experiências traumáticas. Essas leituras contribuem para anular e/ou afetar a vitalidade de movimentos, vivências e trocas sociais do cotidiano, que inclusive habitam o imaginário coletivo no bairro da Vasco da Gama, os relatos dos residentes quando questionados sobre a estética do bairro, dividem opiniões sobre ele se apresentar bonito ou não, entendo bonito como agradável, mais da metade da população aponta que não e relacionam a poluição e os déficits dos projetos saneamento básico das políticas públicas sendo o principal fator, como pode ser visto no Gráfico 7 e Quadro 2:

Gráfico 7 - Opinião dos moradores sobre o aspecto estético do Vasco da Gama.



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Quadro 2 - Respostas dos moradores sobre a estética do bairro e atitudes que podem melhorar as condições estéticas do bairro Vasco da Gama.

	
<p>Relato de Entrevistas em Campo (11/01/2023)</p> <p>Joelma Martins, 48 anos, moradora da Rua 2 de fevereiro, Vasco da Gama.</p>	<p>Relato de Entrevistas em Campo (11/01/2023)</p> <p>Sabrina Santos, 42 anos, moradora da Rua Cassatuba, Vasco da Gama.</p>
<p>“Não, a retirada do lixo, plantar mais árvores pode dar um ar mais leve.”</p>	<p>“Não, falta placas de avisos sobre higienização do coletivo e varrer as ruas diariamente para evitar mau cheiro.”</p>

Fonte: Trabalho de campo, 2023.

Os relatos refletem que apesar dos movimentos emergentes que despertam o protagonismo popular no bairro, o contexto histórico-social o associa aos lugares tofóbicos sendo alimentado pela própria gestão política urbana, que utiliza desse fator para invisibilizar reivindicações básicas, como também, algumas composições paisagísticas encontradas na cidade. Ou seja, são movimentos construídos a partir dos grupos hegemônicos que sempre se alimentam do medo estrutural que fundamenta a violência urbana iniciada pela favelização da cidade, segregando boa parte da população, limitando-as aos espaços na cidade carentes de serviços básicos de infraestrutura, que desenvolve a reprodução desses discursos e imposição dessas simbologias negativas no corpo social.

Outro ponto importante para essa pesquisa é o surgimento de outro conceito defendido por Santos; Halley (2018) o de bairrofilia enquanto laços afetivos com o bairro:

“A sobrevivência do bairro como algo maior a um referencial vazio, malgrado o medo e a insegurança exacerbada, se deve, em grande parte, a essa sociabilidade, e também a uma simpatia, envolvida em laços de afeição pelo lugar de vivência”. (SANTOS JUNIOR; HALLEY, p. 251).

Dessa forma, nas comunidades periféricas, partindo para a superação desse referencial vazio e violento para a sociabilidade dos moradores percebe-se a constituição da empatia e afeição dos lugares, ressignificando as simbologias agregadas de suas vivências. Com isso, no Recife o reflexo da bairrofilia pode ser visto diretamente com as composições insurgentes e interferências paisagísticas em bairros periféricos como Vasco da Gama (Zona Noroeste) antes lugares vazios ou estigmatizados com várias significações tofóbicas de medo ou carência. Após o surgimento ou aumento do protagonismo popular pode-se afirmar que se cria um novo espaço nas comunidades, sendo possível identificar essas ressignificações dos vernáculos através dos relatos dos moradores locais em relação a implementação do espaço de socialização no bairro, como pode ser visto no Quadro 3:

Quadro 3 - Relato de Entrevistas de Campo – Praça Vicente André Gomes e as ressignificações dos vernáculos e emergência da bairrofilia.

 <p>Relato de Entrevistas em Campo (02/11/2021, Praça Vicente André Gomes) O Sr. José, 53 anos, morador próximo à praça.</p>	 <p>Relato de Entrevistas em Campo (02/11/2021, Praça Vicente André Gomes)</p>
--	--

<p>“Em seu relato aponta que foi ótimo a implementação da praça ali, pois o bairro ficou mais iluminado e a convivência com os moradores melhorou bastante. Ainda pontua que são apenas alguns que se engajam com o espaço da praça, como é o caso da limpeza. E que abrange a todos os públicos. ”</p>	<p>A Sra. Leandra, 27 anos, morador próximo à praça.</p> <p>“Moradora da rua onde a praça se localiza pontuou que utiliza o espaço sempre que pode, pois tem crianças e as leva para divertimento diário. Ela conta que acompanhou a implantação da praça, lembrando que era uma quadra abandonada e agora serve muito bem como lazer das crianças nas redondezas. Além disso, afirmou que com essa praça ocorre a descentralização de lazer nos bairros, pois ela não precisa ir até o Parque da Macaxeira e isso é positivo na vivência do bairro. Ainda aponta que poderia ficar melhor com um parquinho maior e mais brinquedos educativos para crianças menores como a dela”</p>
---	---

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Sendo assim, ao se tratar dos movimentos comunitários destaca-se a importância de compreender a questão do lugar e do bairro dentro das relações para e com os moradores locais. De acordo com Halley (2014, p. 44), precisamos considerar o bairro como sendo algo “além de sua territorialidade e seus aspectos físicos e geográficos, mas como um lugar de trocas íntimas e afetividade desenvolvidas pelos indivíduos no cotidiano”. Sendo fundamental as coexistências das relações de sentimento e espaço vivido a partir apenas do convívio e socialização, abrindo lacunas para trocas de ideias e ações na comunidade como as (re)apropriações dos espaços públicos.

O lugar neste contexto faz associação com a abordagem apresentada por Relph (1979, p.16-17) uma vez que é pensado de acordo com a condição de produto que pode ser parte da unidade urbana e experiência humana, não somente com o sentido de localização. Dessa maneira, os pontos do Vasco da Gama tanto das intervenções paisagísticas com os nichos e as reivindicações com o Parque Vicente André Gomes podem ser englobados dentro da esfera lugar, pois ressignificam e desenvolvem uma apropriação urbana diferente dos demais com engajamento e trocas de vivências dentro das construções das composições comunitárias. Da mesma forma que Halley (2014, p. 46) também destaca da “simbologia e corporalidade que o pequeno recorte (o bairro) no espaço urbano desenvolve sociabilidades características de quem habitam refletindo no espaço.

O surgimento da bairrofilia dentro dos lugares periféricos na cidade do Recife, em especial o Vasco da Gama, vincula-se a superação dos referenciais vazios e violentos para a sociabilidade dos moradores, simpatia, afeição dos lugares, e transformação das simbologias agregadas durante as vivências individuais e coletivas. Conforme, destacam Santos Júnior e Halley (2018), a bairro-filia pode ser compreendida a partir do momento que os moradores engajados com seu lugar de moradia, ressignificando de um “espaço vazio” propenso à violência ou descarte de lixo, para um lugar de sociabilidade dentro da comunidade, desenvolvendo sentimentos, vivências e visando a melhoria estética em busca de suprir necessidade básicas como o saneamento e a coleta de lixo. Além de, Carlos (2017), em seus estudos sobre lugar destaca a importância da consciência urbana frente a esse processo dos espaços “vazios”, que só podem ser adquiridos a partir da vivência com o cotidiano para ocorrer a superação das necessidades com a reivindicação urbana espacial.

Logo, os movimentos de bairro-filia e fobia são consequências de “falhas estruturais” que são históricas e intencionais, frente a ideias inovadoras que superá-las e resgatar o sentimento de afeição dos moradores com os bairros. Pois, o impacto de instrumentos urbanísticos relacionados a lazer agrega para além da mudança territorial dentro dos bairros, desenvolvem sentimentos de cuidado sendo bastante notório durante os discursos dos moradores locais que protagonizam aquele espaço.

4.2. MAIS VIDAS NOS MORROS: INVESTIMENTO PÚBLICO PAISAGÍSTICO E COLABORAÇÃO POPULAR

Para além da desigualdade socioespacial mencionada acima, há estudos ou projetos com infraestruturas de impactos na transformação territorial e paisagística advindo das gestões municipais do Recife, principalmente no recorte deste estudo: o bairro Vasco da Gama. Os principais projetos com esse caráter são os Mais Vidas nos Morros e o Tá Aprumado, o primeiro destacado como uma iniciativa de cidadania e desenvolvimento sustentável que busca promover o engajamento dos moradores na pintura e nas ações culturais das comunidades, a ação busca integrar os habitantes na criação de soluções ambientais para a cidade (MAIS VIDAS NOS MORROS, 2020). Já o segundo é um programa de manutenção dentro da cidade, iniciado em 2022 com serviços básico de pintura, capinação e sinalização envolvendo atividades socioeducativas, plantios e intervenções artísticas nas áreas, com o intuito de recuperar regiões

degradadas e integração dos serviços de zeladoria (PCR, 2022), ambos pode ser observado na Figura 10.

Figura 10 - Programas implantados pela Prefeitura da Cidade do Recife que tem o enfoque na intervenção paisagística urbana, Mais Vidas nos Morros e Tá Aprumado

Figura 10 A - Programa Mais Vidas nos Morros divulgado pela Prefeitura do Recife.



Fonte: Mais Vidas nos Morros (2020), Disponível em: <https://maisvidanosmorros.recife.pe.gov.br/>.

Figura 10 B - Divulgação do Programa Tá Aprumado pela Prefeitura do Recife.



Fonte: PCR (2022), Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/01/2022/prefeitura-do-recife-reforca-cuidado-e-manutencao-da-cidade-com-o-programa-ta>.

O Mais Vidas nos Morros, como o nome indica, concentra-se em comunidades pobres (principalmente na Zona Norte) situadas em encostas, através da implantação de áreas de lazer,

convivência e paisagismo, sobretudo com a pintura de casas e muros de arrimo. Desenvolvido com três os objetivos principais sendo eles:

Objetivo 1: Redesenhar o espaço urbano como foco no desenvolvimento integral da criança; Objetivo 2: Promover o desenvolvimento sustentável, a partir da resiliência urbana; Objetivo 3: Fortalecer o protagonismo comunitário de adultos e crianças a partir do exercício da cidadania ativa, do sentimento de pertencimento e do orgulho do lugar onde se vive. (MAIS VIDAS NOS MORROS, 2020, p. 25).

Nos pontos selecionados, as pinturas buscam refletir a dinamicidade territorial do bairro a partir do consenso e da historicidade advindas dos moradores engajados no processo. Com isso, as ações escolhidas foram: Alto Treze de Maio e Alto Nossa Senhora de Fátima, no bairro Vasco da Gama, como pode ser visto na Figura 11 abaixo.

Figura 11 - Atuação do programa Mais Vidas nos Morros no Alto Treze de Maio e Alto Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Divulgação do projeto no Instagram @MaisVidasnosMorros, 2023.

As atuações como nos bairros de Nossa Senhora de Fátima e Alto Treze de Maio envolvem intervenções mais coloridas que utilizam grafites para causar um impacto visual, como também as variações de tamanho podendo englobar toda encosta (morro) ou só uma pequena parte dela. A participação dos moradores locais para a construção dessa de identidade sentimento pertencimento, cuidado com meio ambiente e paisagístico é vista durante a implantação do projeto em todos os pontos, inclusive nas redes sociais com a divulgação e interação dos usuários recifenses. Sendo notório o movimento da gestão municipal para buscar e integrar os habitantes na criação de soluções ambientais e desenvolvimento da cidadania e atuação para além das esferas políticas do urbanismo da cidade. No Alto Nossa Senhora de

Fátima, houve a implementação deste projeto em sua rua principal, como pode ser visto no, como Quadro 4 os relatos recolhidos em campo.

Quadro 4 - Relato de morador e Intervenções paisagísticas do projeto Mais Vidas nos Morros no Alto Nossa Sra. de Fátima.

Figura 12– Intervenções Paisagísticas do Projeto Mais Vidas nos Morros no Alto Nossa Sra. de Fátima



Relato de Entrevistas em Campo
(14/05/2022 – Alto Nossa Sra. De Fátima)

"Depois que a Prefeitura passou aqui a comunidade ficou mais bonita, com cores o que ajuda a trazer pessoas a querer ver e visitar nossa comunidade, estamos sempre à procura de melhorias para fortalecer tanto a comunidade quanto o comércio local". (Morador do Alto Nossa Sra. de Fátima)

Fonte: Trabalho de campo (2022).

Dessa forma, através do protagonismo social coletivo que no contexto das intervenções paisagísticas nos bairros do Recife estruturam-se novos nichos ou praças que refletem e condicionam o aumento da bairrofilia, movimento que se opõe à perpetuação daquele imaginário coletivo estrutural de caracterizar as favelas/periferias como lugares de acúmulos negativos em termos de violência e degradação da paisagem estética urbana. No estudo de Tenório e Machado (2019, p. 111), apresentam os impactos das intervenções artísticas urbanas as quais segundo suas argumentações “expressam uma comunicação que vai além do visual sendo capaz de uma profunda mudança social, pois mexem com os sentimentos de pertencimento e autoestima dos indivíduos”. Assim como as composições, as ações dos Mais Vidas nos Morros agregam nesse panorama de despertar o protagonismo dos moradores locais, principalmente nos dias de implantação do projeto onde indivíduos voluntários junto com

moradores locais incorporam esse momento de apropriação da arte urbana e construções de espaços de convivência, como pode ser visto nesses recortes divulgados pelo projeto, Figura 13.

Figura 13 - Relatos positivos sobre a implantação do projeto Mais Vidas nos Morros.



A GENTE ACHAVA QUE A QUESTÃO DO LIXO NUNCA SERIA RESOLVIDA EM NOSSA VIDA, MAS CONSEGUIMOS ACABAR COM O LIXO NA FRENTE DAS ESCOLAS, DA CRECHE E DE ALGUMAS RUAS TRANSVERSAIS DO NOSSO BAIRRO PORQUE FIZEMOS JARDINS NAS CALÇADAS. QUANDO UMA PESSOA VÊ UM JARDIM, PERCEBE QUE ALI É UM LUGAR QUE NÃO PODE COLOCAR LIXO.”

Maria Monteiro, liderança comunitária da Brasília Tímida e ambientalista do Mais Vida nos Morros



UMA MORADORA DO ALTO JOSÉ BONIFÁCIO CITAVA O LIXO COMO UM PONTO DE REFERÊNCIA PARA A RUA DELA. ‘É AQUELA RUA QUE TEM UM LIXÃO’, DIZIA. DEPOIS DO MAIS VIDA NOS MORROS, A REFERÊNCIA COMEÇOU A SER O JARDIM, AS FLORES, O BECO COLORIDO.”

Flaviana Gomes, gerente geral de Intervenções Urbanas do Mais Vida nos Morros



O PROGRAMA AJUDOU NA AUTOESTIMA DA GENTE. TAMBÉM PASSAMOS A NOS DAR MAIS UNS COM OS OUTROS. ANTES, ERA TODO MUNDO MUITO FECHADO. HOJE, UM SABE DO PROBLEMA DO OUTRO E A PRACINHA SERVE PARA A GENTE SE REUNIR.”

Graciane Chagas de Farias, 48 anos, dona de casa e diarista, moradora da UR-10



VIA AS CRIANÇAS OPRIMIDAS, TRANCADAS DENTRO DE CASA. NÃO TINHA ILUMINAÇÃO, ENTÃO A VIOLÊNCIA PREDOMINAVA. AS RUAS SE TRANSFORMAVAM EM PONTOS DE DROGAS À NOITE. O MAIS VIDA ARTICULOU PARA O LUGAR RECEBER ILUMINAÇÃO, PINTOU AS CASAS, PÔS ARTES PARA AS CRIANÇAS, AMARELINHAS. EM POUCO TEMPO, O LUGAR SE TORNOU HABITÁVEL, COM AS CASAS ABERTAS E OS MORADORES CONVERSANDO UNS COM OS OUTROS.”

Angélica Nobre, gerente ambiental do Mais Vida nos Morros, referência à Loggia Encantada

Fonte: Mais Vidas nos Morros (2020).

Perante o exposto, nota-se o acolhimento e pontuações positivas para o programa advindas do corpo social, principalmente das regiões que são beneficiadas, onde a maioria das avaliações adentram na questão de transformação do espaço vivido seja pela paisagem, retirada do lixo ou impacto dos novos equipamentos urbanos de lazer implantados.

Nos relatos de campo do Alto Treze de Maio mencionou-se, além do sentimento positivo desenvolvido através das ações do projeto, algo interessante que foi a falta de manutenção, pois diferente do Alto Nossa Senhora de Fátima o projeto no bairro foi executado em 2020. Atualmente o cenário é outro, as intervenções artísticas desbotaram e/ou foram removidas por conta das chuvas de inverno, como também, outros equipamentos como os ajardinamentos feitos em palette foram apontados como não funcionais, na Figura 14 abaixo observa-se o estado atual da ação artística no Alto Treze de Maio.

Figura 14 - Atual estado da ação artística no Alto Treze de Maio do projeto Mais Vidas Nos Morros.



Fonte: Google Earth (2023).

Nota-se que a questão da durabilidade do projeto nas comunidades reflete um curto prazo das intervenções e principalmente a falta de manutenção que até então não houve retorno aos pontos integrados. Em sua divulgação é apresentado o baixo custo, rápida implementação e alto impacto, o tempo médio para envolver os moradores nas ações são de de 13 (treze) semanas separadas em: 3 (três) semanas na tática do engajamento a qual é pontuada com reconhecer o território e planejar as atividades com a comunidade, outras 7 (sete) semanas para transformação com mutirões, intervenções artísticas e oficinas, e por fim as últimas 3 (três) como forma de celebração e inauguração de todo o projeto (MAIS VIDAS NOS MORROS, p.27, 2020). Ou seja, é possível considerar que existe um rápido contato com a população e que estas ações podem ser consideradas como paliativas, mediante as situações de algumas regiões. Também se nota que não faz parte dos objetivos da prefeitura um trabalho contínuo e/ou de retorno às comunidades impactadas, pois após a última etapa intitulada de "A celebração" não é previsto no calendário nenhuma atividade futura.

A partir da vivência pessoal como moradora e trabalho de campo é necessário lembrar que apesar desse estudo ser baseado nos sentimentos dos moradores com lugar, cuidado estético e paisagístico, compreende-se que os serviços básicos de infraestrutura vão além disso principalmente para as pessoas que se encontram em áreas de risco nas encostas. Suas reivindicações necessárias para habitação segura giram em torno da construção de muro de arrimo e infraestrutura contra os deslizamentos, esta pontuação se faz necessária através da convivência da autora com esse espaço que também é vivido e atravessado por ela.

Por outro lado, o projeto Tá Aprumado se trata de intervenções em regiões de grande descarte de lixo, metralhas e entulhos irregulares numa ação socioambiental para o desenvolvimento de soluções como colocar uma praça, banco, árvores ou pintar a área, realizado através de uma parceria entre a Secretaria Executiva de Inovação Urbana e a Emlurb (PRC, 2022). Esse projeto no território do recorte desta pesquisa se fez presente em um ponto no Alto do Eucalipto, como pode ser visto na Figura 15.

Figura 15 - Ações do Projeto Tá Aprumado na Rua Alto do Eucalipto Vasco Gama

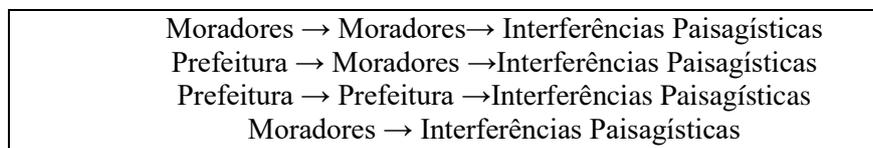


Fonte: Trabalho de campo (2023).

Observa-se que além da nova área de lazer infantil, o retorno da questão do descarte indevido de lixo está presente na paisagem com o mesmo discurso visto nas composições paisagísticas coletivas, porém agora são programas com incentivos públicos municipais. As novas dinâmicas dos programas de cunho municipal agregam bastante nas perspectivas de engajamento do coletivo com espaço que vivem em busca da transformação, melhorias através da arte, paisagem, e principalmente a limpeza urbana que é uma questão indicada em todas as ações de intervenções.

Portanto, nos espaços públicos identificados e expostos nesta pesquisa é de origem diversa e complexa que em cada caso expõe sua singularidade. Vislumbrando o esquema das relações desenvolvidas pelas composições dos locais observa-se os seguintes atores de intervenção no espaço do Vasco da Gama: sujeitos e suas ações individuais, articulação de coletivos e atuação das gestões públicas com seus projetos como os Mais Vidas nos Morros e Tá apumado, todos esses sofrem de acordo com as apropriações, uso do valor do solo e resistência abarcando o simples esquema abaixo:

Quadro 5 - Esquema de variações da problemática das composições atores e intermediários socioespaciais)



Fonte: Autora, 2023.

Perante o exposto, as criações de composições comunitárias nos espaços públicos do Recife se apresentam de maneira complexa, com diversos atores que, de formas distintas, interferem na habitabilidade urbana e na difusão do debate sobre a cidadania paisagística. Logo, consideramos que as pessoas dentro do movimento do protagonismo popular através das interferências na paisagem, buscam mostrar que residem em lugares onde acontece um cotidiano cujas condições podem ser melhoradas, com intervenções pensadas não apenas em nome da necessidade ou da redução dos riscos, mas pelo incremento da qualidade e do bem-estar coletivo (BARBOSA, 2020).

4.3. RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E O DIÁLOGO COM AS INTERFERÊNCIAS PAISAGÍSTICAS NO BAIRRO DO VASCO DA GAMA: A CONTRADIÇÃO DO VISÍVEL.

A partir do que já foi apresentado até então, segue a reflexão para a esfera das políticas públicas de Resíduos Sólidos Urbanos (doravante RSU) e suas influências na problematização das presenças dos nichos paisagísticos no bairro do Vasco da Gama. Este tópico é estruturado num breve panorama das administrações locais do município do Recife e seus efeitos no bairro. Dessa maneira, os resultados irão perpetuar de modo teórico, quantitativo com dados esquemas e tabelas, e por fim, qualitativo dialogando com as pesquisas feitas em campo. Com isso, a problemática dos resíduos sólidos no bairro do Vasco da Gama foi notada durante o trabalho de campo, onde foi possivelmente desenvolver a relação entre os descartes indevidos de lixo pois, encontra-se visível em todo território, como pode ser observado na Figura 16.

Figura 16 - Presença dos resíduos sólidos nos nichos paisagísticos no bairro do Vasco Gama

Figura A – Nicho da rua Alto do Eucalipto e presença do acúmulo de lixo.



Fonte: Trabalho de campo (2022/2023)

Figura B – Nicho da rua Itabora e presença do acúmulo de lixo.



Fonte: Google Earth (2023)

Figura C – Nicho da rua Vasco da Gama e presença do acúmulo de lixo.



Fonte: Google Earth (2023)

A partir dessas imagens é visível afirmar a relação entre os descartes indevidos de lixo com as ações de cuidado estético feito pelos moradores locais, sendo notório seu impacto paisagístico dentro do bairro associando ao caráter de relevar o protagonismo para o cuidado

do espacial, mas ao mesmo tempo denunciar do descaso dos RSU. Desse jeito, a relação dos nichos paisagísticos com o acúmulo dos resíduos reflete como elementos mútuos que se contradizem ao mesmo tempo, pois um é uma maneira de combater e outro é um problema dentro do cotidiano. Sendo, a partir dessas visões que se complementam e ao mesmo tempo são contraditórias de valores que se desenvolve as reflexões logo abaixo das questões dos descartes indevidos de resíduos sólidos e impactos no espaço vivido que se estende às dinâmicas no Vasco da Gama como pode ser observado na figura acima.

Historicamente, segundo dados de Silva e Capanema, (2019) a Constituição Federal do Brasil só assegurou saneamento básico a todos em 1988 e os municípios por sua vez obtiveram a autonomia dos serviços locais. No ano de 2017 com a Lei 11.445 houve a definição de saneamento básico como um “conjunto de infraestrutura e operações que vão de abastecimento de água, limpeza urbana, drenagem urbana, esgotamento sanitário até os manejos de resíduos sólidos e águas pluviais”. Entretanto, apenas em 2010 com a Lei 12.305 houve o desenvolvimento de Política Nacional específica para os Resíduos Sólidos (PNRS daqui em diante) por sua vez apesar de atrasada trás pontuações inovadoras, como a responsabilidade compartilhada do ciclo de vida dos produtos entre o poder público, iniciativa privada e cidadão (SILVA, CAPANEMA, 2019, p. 181).

Com isso, nota-se problemas com saneamento básico principalmente lixo dentro da gestão brasileira é uma questão bastante tardia ao se pensar em políticas públicas de manejo e destinação, além da autonomia inicialmente dos municípios com seus próprios planos administrativos sobre o saneamento reflete a não existência de uma articulação nacional. Bem como, a realização de processos importantes como coleta e separação, reciclagem, e incentivo de tecnologias de aproveitamento energético são inseridas dentro de esferas pouco desenvolvidas e funcionais dentro das dinâmicas de planejamento das cidades brasileiras (BNDES, 2019 p.187).

Além disso, segundo Menezes (2014, p. 11) aponta que “a produção de resíduos é proporcional à urbanização e desenvolvimento econômico do corpo social, nessa relação quanto maior a renda e urbanização maior será o lixo”. Portanto, torna-se lógico o aumento acelerado dos lixos no contexto nacional e grandes centros urbanos as quais são levados ao consumo principalmente dos industrializados, a grande questão são os descartes correto que são pouco eficientes as propostas e necessidades

No panorama da cidade do Recife, o município associou-se ao um Programa de Coleta Seletiva (daqui em diante PCS) visando especialmente a Região Metropolitana do Recife

(RMR) advindo de um consórcio intermunicipal em 2014, com 15 municípios da RMR, o qual ativa todos os atores da sociedade civil para o processo de coleta e ecopontos dentro das cidades (PERNAMBUCO, 2018). Nos dados do PCS (2018), a coleta seletiva na cidade foi implantada em 2001 e está na responsabilidade da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife (daqui em diante EMLURB), com núcleos e unidades de triagem com a atuação direta de cooperativas de catadores para a comercialização. De acordo, com dados da própria EMLURB (2023) a estruturação do serviço na cidade é baseada nos Postos de Entrega Voluntária e Ações Comunitárias para as regiões de baixa renda incluindo núcleos de catadores, entretanto neste serviço em específico há apenas duas organizações com prospecção para as demais áreas incluindo os bairros de Casa Amarela e Vasco da Gama. À vista disso, é possível afirmar que tanto a Prefeitura do Recife quanto a EMLURB sabem das especificidades de outras funcionalidades, entretanto até a entrega desta pesquisa não houve nenhuma informação do núcleo de catadores vinculados a EMLURB no bairro de recorte o Vasco da Gama.

Segundo os dados da EMLUB (2023) aponta que, semanalmente, há a coleta seletiva através de caminhões baús, assumindo numericamente uma média anual de 2.795 toneladas de material reciclável recolhido, e mensal de aproximadamente 233 toneladas, como também, outro dado importante é a coleta domiciliar do lixo reciclável abarcar apenas 66% dos territórios da cidade, sendo realizada apenas em 62 bairros dos 94 agregados. Ou seja, é notório a aplicação dos serviços de limpeza urbana e gestão dos resíduos sólidos apenas em uma parte da cidade onde existe a diversidade de serviço, entretanto em outros bairros existem até propostas específicas necessárias, mas não a implantação ressaltando as desigualdades territoriais vigentes.

Essas disparidades são pontuadas também dentro do sistema do sistema de saneamento básico de Recife com a coleta seletiva dos resíduos, é possível apontar algumas contradições existentes principalmente em relação aos bairros periféricos da cidade. Com isso, a coleta domiciliar abarca apenas 66% da cidade, como foi mencionado na reflexão acima, e nas dinâmicas de coletas seletivas a distribuição dos ecopontos os quais são as quais são pequenas lixeiras para receber resíduos do cotidiano, o número reduz drasticamente em todo território da cidade, como pode ser observado na Tabela 3 expondo mais uma vez as desigualdades do serviço de saneamento.

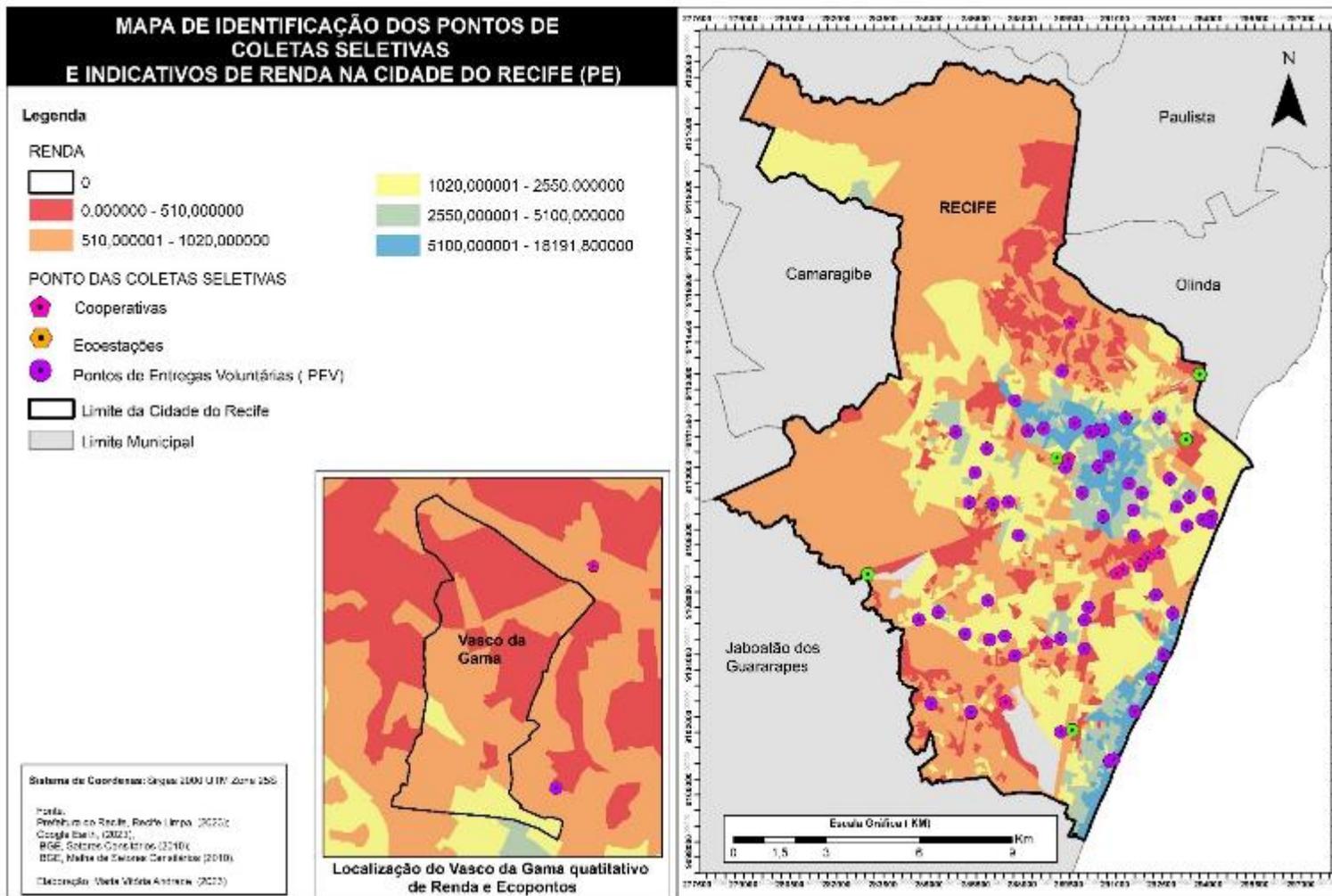
Tabela 3 - Relação dos bairros do Recife, (PE) com os ecopontos inseridos na cidade no de 2022.

Relação dos bairros do Recife, (PE) com os ecopontos inseridos na cidade no panorama do ano de 2022.	
Total dos bairros do Recife	94
Total Bairros com ecopontos	36
Acima de 2 ecopontos	16
Com apenas 1 ecoponto	20
Total Bairros sem ecopontos	58

Fonte: Prefeitura da cidade do Recife (2023); Recife Limpa (2023).

Dessa forma, os dados apontam que mais da metade do território da cidade não estão incluídas dentro dos serviços de ecopontos administrados pela Prefeitura Recife, como também, a quantidade de bairros com a presença da coleta alternativa passa a ser muito pequena principalmente nos bairros que existem apenas um ecoponto. Além disso, outro aspecto a ser mencionado são as ecoestações destinadas a coleta resíduos maiores como móveis velhos, resíduos de pequenas obras residenciais, resíduo de poda e outros materiais, em toda a cidade só oito bairros agregam essas dinâmicas, na figura 1 pode ser observado tanto as questões dos ecopontos e ecoestações como a relação com a renda média dos moradores locais por setores censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010- IBGE), para uma análise do direcionamento do investimento público. Nos dados expostos é importante ressaltar que o censo utilizado é de 2010, e na variável de valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílio particulares, logo a renda está classificada baseada no salário-mínimo da época no valor de R\$ 510,00 reais (quinhentos e dez reais), e os valor referido ao resultado 0 (zero) são áreas onde não tem moradores (IBGE, 2010).

Figura 17 - Mapa de Identificação dos Pontos de Coleta Seletivas e indicativos de renda na cidade do Recife (PE)



Fonte: Autora, 2023

Á visto disso, associação dos ecopontos com renda por setores censitários é importante reafirmar o redirecionamento do investimento público em regiões mais elitizadas dentro da cidade, enquanto a população com baixo valor aquisitivo é simplesmente esquecida e culpabilizada dentro da lógica do capitalista pelas empresas públicas através de seus serviços básicos e da discriminação espacial. Segundo argumentações Orsi (2013, p. 16), é “através das desigualdades socioespaciais derivadas do uso e ocupação do solo que amplifica o movimento de segregações, autos segregações ou imposições a população de baixa renda as áreas mais vulneráveis dos diferentes tipos de riscos e impactos socioambientais negativos”, como a problemática do lixo no Vasco da Gama. Torna-se visível que não existe completa acessibilidade dentro do sistema de limpeza urbana no Recife, como também reforça dentro do discurso de posicionar de forma subjetivamente os indivíduos a estarem numa posição de culpa aos problemas ambientais criados.

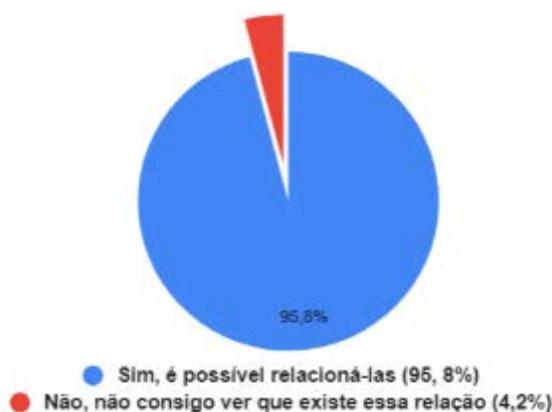
Nos limites do Vasco da Gama, bairro de desenvolvimento desta pesquisa até então não foi inserido nenhum ponto como pode ser visto na Figura 17 acima, e seus indicativos de renda giram entorno de um a dois salários-mínimos em sua grande maioria, ou seja, é reforçado a seletividade e discriminação espacial dos serviços públicos básicos dentro da cidade do Recife. Além disso, refletindo que apesar do movimento de composições paisagísticas, educação ambiental individual e pontuações da coleta do lixo passar todo o dia serem positivas, o território comparado às outras dinâmicas do serviço de limpeza urbana da cidade com ecopontos são invisibilizados. Sendo, ações como essas transferem a responsabilidade ambiental aos sujeitos sociais, como foi bastante pontuado em campo através dos relatos dos moradores onde culpabilizam a maior parte do descarte de lixo incorreto nas ruas as outras pessoas que habitam o bairro. Logo, é notório que os investimentos e serviços públicos nos bairros periféricos reforçam essa estratégia de posicionar até mesmo que indiretamente as pessoas incorretas, uma vez que é fornecido apenas o básico ainda com déficits como é apresentado no panorama da coleta de lixo, torna-se visível pouca acessibilidade dentro do sistema de limpeza urbana da cidade.

A partir disso, ao retorno reflexivo da problemática das interferências paisagísticas dentro do que foi exposto logo acima, as composições são frutos desse esquecimento estrutural tardio principalmente no cenário nacional das políticas públicas dos resíduos. O reflexo disso localmente são as contradições e desigualdades nos planos de gestão aos resíduos, sendo notório o esquecimento de algumas regiões afirmados pelos dados da Prefeitura do Recife e EMLURB.

Já em contato com as perspectivas dos moradores em entrevistas realizadas para a construção desta pesquisa, na questão da coleta e acúmulo de lixo dentro bairro com presença das composições são de muita contradição até mesmo para aqueles que vivem o cotidiano, como pode ser visto no Gráfico 8, abaixo.

Gráfico 8 - Relação entre o descarte indevido do lixo e as pequenas interferências paisagísticas espalhadas pelo bairro do Vasco da Gama, Recife (PE).

Relação entre o descarte indevido do lixo e as pequenas interferências paisagísticas espalhadas pelo do bairro?



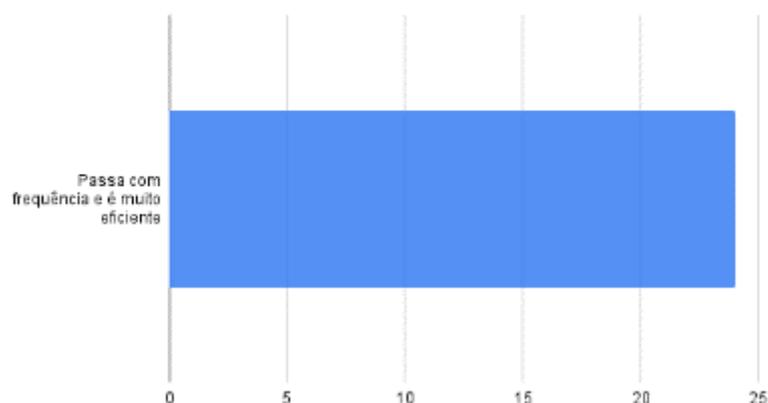
Fonte: Trabalho de campo (2022).

Diante disso, primeiramente é reconhecido que as construções das interferências paisagísticas servem como combate direto ao acúmulo de lixo no bairro por grande parte dos entrevistados, reafirmando a relação entre os elementos. Como medidas paliativas os nichos são considerados pelos próprios locais como enfrentamento às agressões ambientais urbanas causadas pela disposição do lixo e poluição visual, e em suas estruturas são utilizados materiais recicláveis. Com o intuito de superar as lacunas deixadas pelo estado, os moradores locais utilizam-se de práticas criativas ecológicas dando um novo destino aos resíduos e criando uma nova paisagem dentro do bairro que dialoga diretamente com o acúmulo dos RSU, como foi mencionado acima.

Além disso, outro dado importante coletado em campo foi que apesar das interferências paisagísticas serem um combate direto ao lixo quando questionados sobre a coleta todos os moradores entrevistados (em torno de 24 pessoas) apontam que no bairro o serviço disponibilizado pela EMLURB, passa com frequência e é bastante eficiente, como pode ser visto no Gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9 - Situação da coleta de lixo no bairro do Vasco da Gama, Recife, (PE).

Sobre a coleta de lixo no seu bairro:



Fonte: Trabalho de campo (2022).⁵

Diante disso, inicialmente existe uma contradição de ações e discursos dentro da problemática, pois existem bastante lixos descartados indevidamente, mas ao mesmo tempo a coleta passa frequentemente. Entretanto, é importante ressaltar que a tardia organização do estado para fundamentar diretrizes da Política Nacional específica para os Resíduos Sólidos a PNRS, reflete para além das falhas do saneamento nas urbanas, o déficit na educação ambiental e responsabilidade de alguns moradores com seus respectivos resíduos, tornando-se também produto desse “esquecimento estrutural” que é repassado e de forte atuação em todo panorama nacional. Dessa maneira, a lacuna de conhecimento e ação de alguns moradores para e com o bairro, desenvolvendo conflitos entre quem realiza a construção de uma interferência e as pessoas que descartam o lixo em lugares incorretos é pontuada entre os próprios moradores como falta de educação, como pode ser visto no relato de D. Maria José (moradora da rua Japarutuba, Vasco da Gama):

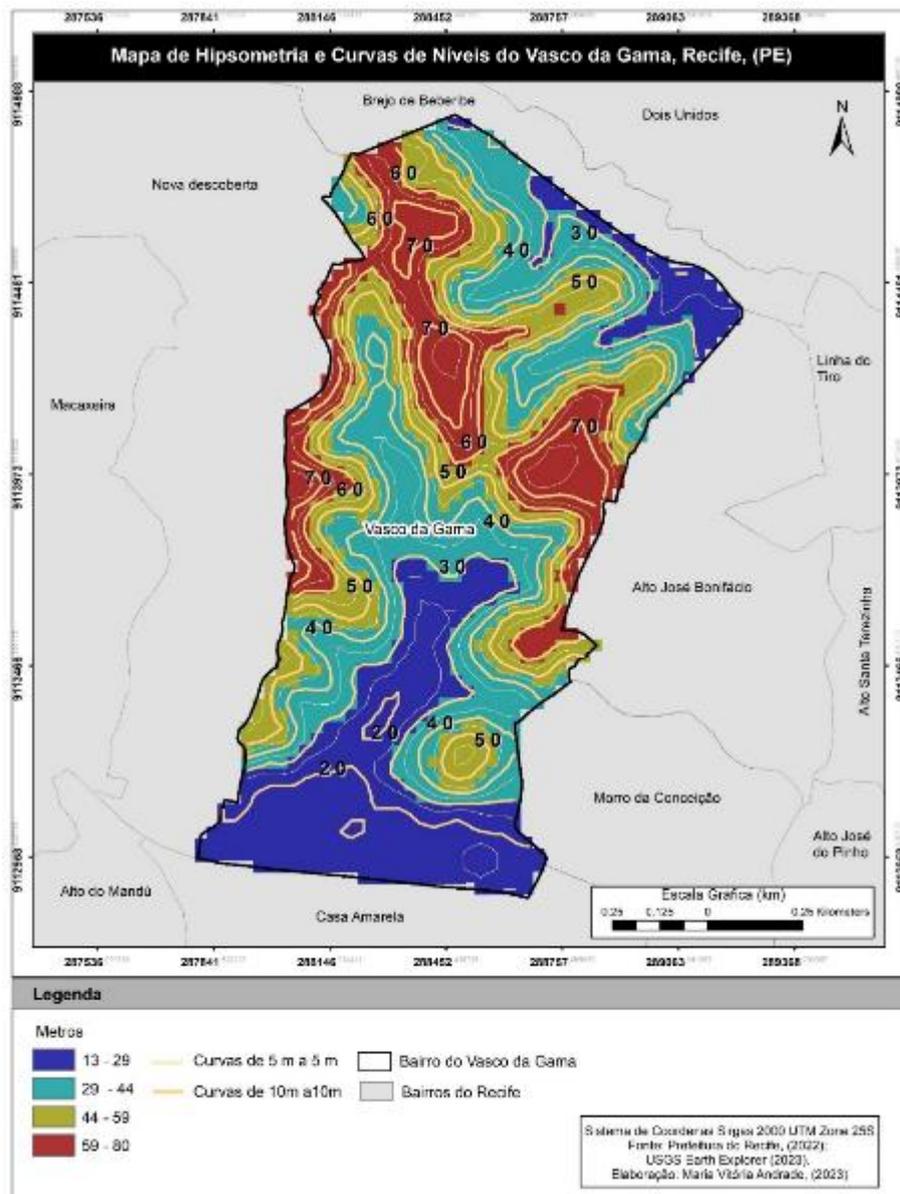
“As pessoas precisam aprender jogar o lixo no lugar certo e próximo da hora da coleta para evitar o acúmulo, porque fazendo isso ele (o lixo) não fica ali por muito tempo, e a rua vai ficar limpa depois do carro do passar lixo, quando isso não feito o ele (o lixo) fica entulhado e os cachorros rasgam” (Trabalho de campo, 2023).

O relato de D. Maria José se complementa de várias maneiras quando existe o questionamento dessa contradição do lixo dentro do bairro, ressaltando mais uma vez as deficiências da educação ambiental nos bairros periféricos sendo um processo tardio e esquecido também. A representação na falha de educação e responsabilidade ambiental, apesar da coleta dos resíduos ser frequente é notório que existe essa lacuna de conhecimento e ação de alguns moradores para e com o bairro.

⁵ Formato de gráfico em barra, leva em consideração a quantidade de pessoas que responderam, que foi no total de 24 pessoas como mencionado na metodologia *versus* elementos da problemática disposta no questionário.

Outro fator interessante de análise, é a geomorfologia do bairro, que é composta por bastantes morros e as quantidades de becos e escadarias são enormes como pode observado na Figura 18, o que complexifica ainda mais as ações da coleta feitas por caminhões baús e os conflitos dos moradores com lixo. Como por exemplo, nos relatos de moradores da na rua Cassatuba, a parte plana perto da quadra recebe todo descarte de lixo das escadarias, mas com a ação da Prefeitura do Recife foi disponibilizado uma lixeira coletiva, entretanto não ocorreu manutenção e foi quebrada, no momento atual os moradores descartar o lixo no mesmo lugar agora sem lixeira onde fica todo exposto na rua.

Figura 18 - Mapa de Hipsometria e curvas de níveis do recorte de estudo o Vasco da Gama (PE).



Fonte: Autora (2023)

Além do mais, conforme Menezes, (2014) em territórios com loteamentos de construções irregulares principalmente em morros existem as dinâmicas das ocupações dos terrenos planos onde os acessos de serviços públicos chegam com maior facilidade e as encostas compostas por becos, rampas e escadas inacessível para alguns tipos de coletas como as feitas por caminhões baús. Desse modo, o serviço público principalmente de coleta de resíduos necessita repensar seus planos de ações para adequar a esse tipo de realidade onde a indisponibilidade de vias largas se faz presente. Logo, no Vasco da Gama o conflito dos resíduos agrega também esse fator de irregularidade da limpeza urbana em áreas de encostas principalmente nas escadarias do bairro, além disso, durante o trabalho de no campo relação torna-se bastante evidente quando muitos dos nichos são encontrados na parte das vias largas dos morros próximos as escadarias como na Figura 19.

Figura 19 - Nicho identificado no bairro do Vasco da Gama apontando a existência do acúmulo de lixo em áreas mais planas dentro do bairro.

A - Nicho identificado na Rua Japarutuba.



Fonte: Trabalho de campo (2022).

B - Nicho identificado na Rua Alto do Eucalipto.



Fonte: Google Earth (2022).

C - Nicho identificado na Rua Vasco da Gama.



Fonte: Google Earth (2022)

Com isso, o cenário dos RSU no município é um desafio bastante complexo, como argumenta GOUVEIA, (2012) um dos principais obstáculos das gestões de resíduos sólidos partem da execução das políticas públicas de forma a eliminar o risco tanto a saúde quanto ao meio ambiente, como também, garantir a inclusão social nos programas de forma educacional e econômica. Assim sendo, adjunto ao esquecimento estrutural, os meios importantes de

informações e contribuição para o avanço social apresentavam até então um afastamento com o espaço vivido e suas dinamicidades refletindo numa parte do corpo social que não foi educado e nem sensibilizado perante as questões do meio ambiente.

Dentro a esfera da educação ambiental no bairro do Vasco da Gama, é possível apontar que existe dois movimentos que se retroalimentam, o primeiro sendo as pessoas que acumulam o lixo por anulações de diversos fatores sendo um deles as falhas nos serviços de limpeza pública, já o segundo são as intervenções paisagísticas para romper os descartes de lixo indevido e ter uma amenização ecológica atingindo o papel da cidadania e autogestão do espaço público urbano recifense. No caso do bairro em questão são relações ainda mais complexas entre os moradores que individualmente têm valores, simbologias diferentes de acordo com sua visão e atuação no mundo. Dessa maneira, o movimento tardio das políticas públicas com os RSU torna-se uma problemática que se estende para além das soluções sociais, mas de algo que reflete em toda sociedade atingindo até a esfera educacional, por isso alguns moradores ainda repetem os hábitos de não cuidado com o meio ambiente urbano.

Por outro lado, quando a conscientização dos cuidados com o meio ambiente atravessar as pessoas ocorre o protagonismo como é visto no Vasco da Gama fortalecendo a reivindicação política e social refletindo nos nichos e outra ação para além das interferências paisagística. A partir disso, durante o campo os discursos adjuntos as ações dos moradores refletem bastante esse lado da educação como viés importante para conviver e solucionar alguns problemas dentro do bairro, assim como, em todo o corpo deste trabalho as atuações das interferências paisagísticas refletem na reivindicação do espaço, cidadania e autogestão advindo do protagonismo dos moradores. Pois, conforme os autores Cassiano; Silva; Silva (2016) atribuir toda responsabilidade as instituições omite, de certa forma, a participação ativa da sociedade, no plano individual coletivo, de desenvolvimento e reabilitação dos aspectos socioambientais, entretanto com os atos emergentes de protagonismo popular no Vasco da Gama apesar de existir pontos de descarte incorreto do lixo, os moradores engajados do bairro estão ativando o seu papel social principalmente nas causas socioambientais, desenvolvendo a educação ambiental de formar cidadãos conscientes para atuarem de modo participativo e crítico na sua realidade.

Por isso, a educação ambiental precisa ser desenvolvida por diversos atores e meios para que só assim a maior parte do meio social passe a ter hábitos mais conscientes com o meio ambiente, principalmente o urbano. Como é mencionado por Pereira; Ferreira; Silva (2009) “é necessário projetos voltados à educação ambiental que tenham uma abordagem muito próxima e acessível às massas, e que estejam envolvidos com realidade para despertar uma educação

ambiental crítica superando os trabalhos que se distanciam disso”, dessa maneira atingindo o público corretamente a sensibilidade e conscientização ambiental são elementos propulsores para reivindicações, causas e protagonismo social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, buscou-se destacar que as construções das composições paisagísticas expõem a necessidade de demandas pela melhoria da qualidade de vida, expressões identitárias e a tentativa de criação de um sistema simbólico baseado nas práticas corporais comuns, assegurando a apropriação dos espaços a partir da delimitação de suas atividades. Pode-se observar que a implantação dessas atuações comunitárias também apresenta um interesse dos grupos locais de combater problemas ambientais e estéticos de suas comunidades, como o problema do acúmulo dos descartes indevidos dos resíduos sólidos em espaços públicos. Muitas dessas composições paisagísticas apresentam algumas artes e ações educativas que buscam ensinar as pessoas sobre o cuidado para com a destinação do lixo e da gestão sustentável dos seus espaços imediatos.

À sua maneira, esses pequenos atos podem ser considerados como reveladores de uma “atitude estética”, cujos gestos da vida cotidiana revelam o interesse pelo sensível e pela beleza no cotidiano, separando-os do sublime e do pitoresco e que contribuem para validar as preocupações socioambientais anunciadas a partir de uma estética do cuidado e de proximidade com o meio. Essas questões podem ser compreendidas como manifestações de uma cidadania paisagística, no sentido que são ações que consideram a paisagem como “um recurso que pertence a todos, onde todos têm o direito de ver, ser e estar na paisagem, assim como o dever de participar das ações de gestão de forma coletiva e comprometida” (BARBOSA, 2020, p. 271).

Perante o exposto, as composições paisagísticas observadas dentro da cidade do Recife, principalmente no recorte do Vasco da Gama, podem ser compreendidas como intervenções que são provenientes das ações de vivências e contestação promovidas pelos moradores, com a participação de colaboradores e posterior anuência dos órgãos institucionais. São atuações que mostram o protagonismo social coletivo como parte do sentimento de pertencimento criado através de uma rede de relações complexas com diversos atores que, de formas distintas, interferem na habitabilidade urbana e na difusão do debate sobre melhores condições de qualidade de vida e o bem-estar coletivo, valorizando seus territórios e seu estar no mundo.

Desse modo, o desejo de mudança e o modo de se autogerir que altera o espaço urbano na tentativa de garantir melhor qualidade de vida pode se expandir e despertar a criticidade dos cidadãos a partir do engajamento desses atores em suas realidades imediatas. Logo, possibilitam pensar em processos de resistência e construção de visibilidade social e permite-nos apreender

uma dinâmica política expressa a partir de lutas na, pela e a partir da paisagem. Essas reivindicações dos espaços públicos são apoiadas em atos conscientes de atribuição de valor aos seus territórios, a partir de interesses políticos e sociais, as ações de valorização paisagística, de educação ambiental e gestão dos resíduos sólidos demonstram a centralidade dos atores locais na condução de políticas de planejamento e gestão dos espaços da cidade. Assim, é notório as potencialidades dos moradores com seus modos de se autogerir e ressaltar suas identidades na paisagem, espaço e lugar e atuar em um novo panorama de superação e transformações de suas realidades através de seus modos de se autogerir, envolvendo isso em perspectivas futuras volta-se reflexões para o possível desenvolvimento de um estudo voltado as potencialidades de uma economia criativa através do turismo alternativo para fortalecer a região e romper as barreiras para do movimento de invisibilidade que acontece atualmente, para o exercício da autonomia principalmente econômica no território e aos locais que vivem na periferia com esse cotidiano, paisagem e questões importantes, como também coligado a isso a reivindicação dos serviços de infraestrutura públicos pontuadas pelo surgimento de um turismo nas comunidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, Cris Fernández. Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. vol. 9, n.1, p. 1 – 14, 2006.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis. *Arquitextos*, São Paulo, 04.042, In: Vitruvius, nov 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>>. Acesso em 17 fev. 2023.

ANDRADE, Maria Vitória; BARBOSA, David Tavares. Composições paisagísticas comunitárias: Movimentos de apropriação sociocultural do espaço público no bairro da Torre, Recife (PE). In: VIII NEER – Das metamorfoses às resiliências, 2022, Cidade de Goiás. **Anais [...]**. NEER, 2022, Cidade de Goiás.

BARBOSA, D. T. **Ver, estar e ser (n)a paisagem: Cidadania paisagística e o direito à paisagem na cidade do Recife/PE**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

BARBOSA, David Tavares. Cidadania paisagística. **Revista de Geografia (Recife)**, V.35, Nº. 1 (especial), p.40-59, 2018.

BERLEANT, Arnold. A estética da arte e a natureza. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). **Filosofia da Paisagem** – Uma antologia. 2ª edição. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 281-298, 2013a.

BERLEANT, Arnold. Estética e ambiente. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). **Filosofia da Paisagem** – Uma antologia. 2ª edição. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 377-394, 2013b.

BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo: Exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Paysages en commun – Editorial. *Les Carnets du paysage*, n° 33, printemps 2018 – Paysages en commun. Marseille: Actes Sud et l'École Nationale Supérieure de paysage, p. 05-13, 2018.

BITOUN, Jan. Centro Histórico e Identidade Cultural. In: BYRON, Sarinho. **Seminário Recife, Cidadania e Revitalização: Memória/Seminário Recife, Cidadania e Revitalização**. Recife: Inojosa Editores, p. 52-58, 1993.

CARLOS, A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARNEIRO, Ana. Os espaços verdes na história do Recife. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, p. 67 – 82, jan. 2004.

CASSIANO, Salésia Alves; SILVA, Wandson do Nascimento; SILVA, Marilene Barbosa. Educação ambiental como prática na formação da cidadania ambiental: possibilidades e desafios numa escola municipal. *In*: EL-DEIR, Soraya Giovanetti; AGUIAR, Wagner José; PINHEIRO, Sara Maria Gomes. **Educação Ambiental na gestão de resíduos sólidos**. Recife, EDUFRPE, 1. ed. p. 5-291, 2016.

DERANI, C. Direito ambiental econômico. São Paulo: Editora Max Limonad, 1997.

EMLUB. Coleta Seletiva. **Prefeitura da Cidade do Recife**, 2023. Disponível em: <https://emlurb.recife.pe.gov.br/coleta-seletiva-0>. Acesso em: 22 de mai. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: EDITORA ATLAS, p. 176, 2002.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47, p.333-361, maio-ago. 2011.

GONÇALVES, F. C. C. A paisagem como fenômeno e objeto de interesse público: com que direito?. Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Sistema Eletrônico de Revistas SER/UFPR**. v. 34, p. 99-116, ago. 2015.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. *Ciência e Saúde Coletiva*, p. 1503 – 1509, 2012.

HALLEY, B. O bairro e os enredos do lugar. **Geograficidade artigos**. 4, n.1, Verão 2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas: Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>.

LEFEBVRE, Henri. Problemas teóricos da autogestão. **GEOgraphia, Nosso Clássicos**. Niterói, Universidade Federal Fluminense. Vol.19, N. 41, p. 135 – 141, 2017: set./dez.

MAIS VIDAS NOS MORROS. Mais Vidas nos Morros: reinvenção urbana passo a passo. **Secretaria Executiva de Inovação Urbana**, 1. ed, São Paulo: Cross Content, p. 1-50, 2020. Disponível em: https://maisvidanosmorros.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Mais_Vida_nos_Morros_reinvencao_urbana_passo_a_passo.pdf Acesso em: 23 de mai. 2023.

MENDES, Giorgia; MELO, Maria; ANDRADE, Aline. Estudos dos conflitos socioambientais das regiões político-administrativas noroeste (microrregião 3.3) e oeste da cidade do Recife/PE. **V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação**. IFAL, ano 2010, n. V, p. 1-8, 2010.

MENEZES, Marat Troina. Lixo e resíduos sólidos urbanos. *In*: MENEZES, Marat Troina; Instituto de Arquitetos do Brasil. **Cadernos técnicos de morar carioca tratamento de resíduos sólidos**, p. 10 – 56, 2014.

ORSI, Rafael A. Convivendo com o lixo: a vulnerabilidade socioambiental no bairro Jardim Graminha, Leme, São Paulo. **AUGM DOMUS**. Vol. 5, p. 13 – 32, 2013.

PEREIRA, D. S.; FERREIRA, R. B. Ecocidadão. São Paulo: SMA/CEA, 2008. Pernambuco. Secretaria das Cidades. **Programa de coleta seletiva: Região de Desenvolvimento Metropolitana de Pernambuco – RDM/PE / Secretaria das Cidades**. – 1. ed. – Recife: Caruso Jr., p. 1-33, 2018.

PINHEIRO, Daniel Calbino; PAULA, Ana Paula Paes. Autogestão e práticas organizacionais transformadoras contribuições a partir de um caso empírico. **Desenvolvimento em questão**, Editora Unijuí, ano 14, n. 33, p. 233-266, jan./mar. 2016.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Perfil dos bairros. Serviço Cidadão. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>. Acesso em: 23 de mai. 2023.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Prefeitura do Recife reforça cuidado e manutenção da cidade com o Programa Tá Aprumado. Secretaria de Infraestrutura. 27, jan. 2022. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/01/2022/prefeitura-do-recife-reforca-cuidado-e-manutencao-da-cidade-com-o-programa-ta>. Acesso em: 23 de mai. 2023.

PREFEITURA DO RECIFE. Dados Recife, Secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos, Parques e Praças. Disponível em: <http://dados.recife.pe.gov.br/dataset/parques-e-pracas/resource/18e58d3b-8096-4bac-bc18-273bacd7d01c>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PREFEITURA DO RECIFE. Diagnóstico Propositivo do Plano Diretor, Lei de Parcelamento e Lei de Uso e Ocupação do Solo. **Volume II - Lei de Parcelamento e Lei de Uso e Ocupação do Solo**, Org. Prefeitura do Recife - Secretaria de Planejamento Urbano e Instituto da Cidade de Pelópidas Silveira, 2018, p.1-203. Disponível em: <https://planodiretor.recife.pe.gov.br/plano-de-ordenamento-territorial>, acessado em 17 de agosto de 2022.

PREFEITURA DO RECIFE. Vasco da Gama. Serviços para o Cidadão, perfil dos bairros. Disponível em: <<https://www2.recife.pe.gov.br/servico/vasco-da-gama?op=NTI4Mg>>. Acesso em: 21 de março de 2023.

PROTO, Leonardo Venicius Parreira. Autogestão social e lutas sociais. *Enfretamento*, Goiana, ano 5, n. 9, p. 58-73, jul./dez. 2010.

RECIFE LIMPA. Ecoestações. Prefeitura do Recife Secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos. Disponível em: <https://recifelimpa.recife.pe.gov.br/conheca-as-ecoestacoes/>. Acesso em: 23 de mai. 2023.

RELPH, Edward. _____. As bases fenomenológicas da geografia, *Geografia*, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

REYNALDO, Amélia; ALVES, Paulo. ORIGEM DA EXPANSÃO DO RECIFE: Divisão do solo e configuração da trama urbana. **V Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**, Barcelona-Buenos Aires, ano 2013, p. 1-14, 30 mar. 2021. Disponível em:

suelourbano.org/wp-content/uploads/2017/09/Reynaldo_ORIGEM-DA-EXPANSÃO-DO-RECIFE-Divisão-do-solo-e-configuração-da-trama-urbana.pdf. Acesso em: 30 mar. 2021.

RIBEIRO, L. C. Q., RODRIGUES, J. M., CORRÊA, F. S. Segregação residencial e mercado de trabalho nos grandes espaços urbanos brasileiros. In: LAGO, L. C. do. (Org.) Olhares sobre a metrópole do Rio de Janeiro: economia, sociedade e território. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ: FASE, 2010, p. 11-34.

SANTOS JUNIOR, L; HALLEY, B. Medos e muros em Casa Forte: Topofobias do Recife. **Revista de Geografia**, (Recife), ano 2018, v. 35, p. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/234425/27776>. acessado em 31 de janeiro de 2022.

SANTOS, Breno Bittencourt. Impactos da organização social do território nas condições de vida urbana: uma análise do Índice de Bem-Estar Urbana Local na Região Metropolitana do Recife. In: SOUZA, Maria Ângela Almeida; BITON, Jan (org.). **Recife: Transformações na ordem urbana**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Nosery Lira; SILVA, Monica Maria Pereira. Por que educação ambiental não tem alcançado mudanças significativas na sociedade contemporânea? Uma análise de artigos publicados em eventos científicos no Brasil de 2005 a 2010. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, p.122 – 138, jul a dez. 2011.

Serrão, A. V. Filosofia da paisagem. Estudos. Lisboa: Universitas Oliponensis. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SOUSA, P. Ensaio sobre a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. **Geografares**, n. 7, p. 35-49, 2009.

TENÓRIO, Morgana Andreia Medeiros; MACHADO, Edileine Vieira. A cor, a arte e a metáfora visual: um relato de experiência de revitalização urbanística. **Cadernos ESPUC**, n. 35, p. 110 – 121, 2019.

ZUSMAN, Perla. *La Tradición del trabajo de campo en Geografía*. **Geograficando**, 2011, (7), p. 15-32. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf> Acesso em: 27 de março de 2020.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIOS DO TRABALHO DE CAMPO.

Acesso ao questionário do Google Formulário aplicado em campo.

Acesse o link abaixo disponibilizado para observar o caráter das perguntas para a base de dados desta pesquisa. Disponível em: <

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdd88DTN3AsN4DaiJWVHADqD9jNCLtn2gfvRvsdOzbYCnzLtQ/viewform>>.

ANEXO A: REPORTAGENS DA MÍDIA LOCAL (ACERVO ICONOGRÁFICO)

Acesso a lista de links do acervo iconográfico da mídia local sobre as revitalizações de espaço públicos no Recife.

Acesse o link abaixo disponibilizado para observar o acervo de mídia local. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1ygGRBWi5145juLgcQ8OAKuxYVrqQxyp9YpfigYJmtPc/edit>>.